

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS			CÓDIGO DA FICHA					
			GO	01	00	08	F01	A3
			UF	SÍTI	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTI INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis / GO

2. RELAÇÃO DOS BENS

DENOMINAÇÃO	Adereços de Montaria				IDENTIFICADO		1
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Nos três dias de Cavalhadas	LUGAR	Casas dos Cavaleiros / artesãos locais			
DESCRIÇÃO	As montarias dos Cavaleiros também recebem adereços especiais para os dias de Cavalhadas. As arreatas são enfeitadas com veludo e/ou metal e o dorso é coberto com mantas bordadas de veludo vermelho ou azul, dependendo do castelo a que pertence o Cavaleiro, mouro ou cristão. As patas são adornadas por peças de metal enfeitadas com pedrarias, além de peitoral com guizos. Uma máscara de metal artesanalmente trabalhada cobre o focinho do cavalo. Sobre a crina vem a cachaceira, feita com flores de pano e fitas coloridas; sobre a anca do animal coloca-se a rabeira, que se compõe de uma grande flor em tecido circundada por flores menores de onde descem as fitas que caem sobre o rabo. Os reis e embaixadores preparam seus cavalos de modo a diferenciá-los da RESTARQ-0044-JGC- F01-A3 ADEREÇOS DE MONTARIA – RABEIRAS FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO RESTARQ-0045-JGC- F01-A3 CAVALOS SENDO PREPARADOS COM OS ADEREÇOS FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO montaria dos demais soldados. Preparar uma montaria de Cavalhada é uma arte que envolve vários ofícios como armeiro, bordadeira, florista além daqueles que se encarregam do trato do animal (limpeza do pêlo, escovação, corte da crina e alimentação).						
REGISTROS	MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), SILVA, Mônica Martins da (2001)				Nº	21e 39	
CONTATOS	Maria Aparecida de Melo, Maria da Silva Cardoso, Simoneide Barbosa, Telma Lopes Machado.				Nº	72, 73, 106 e 110.	

DENOMINAÇÃO	Altars				IDENTIFICADO		2
					SIM X	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO			☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Na casa do Imperador, nas casas onde acontecem os Terços dos Cavaleiros e nos pousos das Folias	
DESCRIÇÃO	 RESTA-0001-JGC-F01-A3 - ALTAR NA CASA DO IMPERADOR FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008		Os altares são geralmente montados na sala principal da casa. Na casa do Imperador, o altar é montado desde o Domingo do Divino do ano anterior, quando o novo Imperador é sorteado. Após receber a Coroa, o altar da casa do Imperador fica aberto à visitação durante o ano todo. O vermelho e o branco são as cores predominantes. No ponto mais elevado do altar fica a Coroa. Flores – naturais ou artificiais – assim como imagens de outros santos, velas e demais enfeites são agregados, de acordo com a devoção da família do Imperador. Nas casas e fazendas que recebem as Folias, os altares são preparados para receber as duas Bandeiras do Divino levadas pelos alferes. Cada altar será descrito em detalhes pelos músicos foliões durante o <i>cantorio</i>, que executam durante a cerimônia de chegada ao lugar. Outras cerimônias são realizadas diante do altar das Bandeiras como, por exemplo, o peditório de esmolas que acontece após o jantar. Já os altares das casas onde acontecem os Terços dos Cavaleiros, embora recebam a Coroa, são improvisados, pois ficarão montados por apenas uma noite: uma toalha e, ao redor da Coroa, flores, velas e os santos de devoção da família. Os membros da comunidade que oferecem as Farofadas aos Cavaleiros também podem pedir ao Imperador que leve a Coroa, que será colocada em pequenos altares especialmente preparados para estas ocasiões.		
REGISTROS	Não constam registros.				Nº
CONTATOS	Gleyci Patrícia Rosa Pires, Maura Fleury				Nº 42 e 83.

DENOMINAÇÃO	Alvoradas			IDENTIFICADO		3
				X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☒ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO			☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA	
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Ruas da cidade		
DESCRIÇÃO				Alvorada com a Banda de Couro: na madrugada do primeiro dia de novena (02/05/2008). Às quatro horas da manhã, a Banda de Couro percorre as ruas da cidade, anunciando a abertura das celebrações religiosas, emitindo o som grave dos tambores de percussão, entremeado pelo triângulo e pelo solo do saxofone, com músicas tradicionais como: <i>Mariquinha Muchacha</i>, <i>Vem cá Bitu</i>, <i>Vamo</i>		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	<i>Come Doce</i>, dentre outras. Até o domingo do Divino esta Banda realiza alvoradas, sempre no mesmo horário, mas com roteiros diferentes, passando a cada dia por um bairro. Seu objetivo, além de anunciar o início das festividades, é acordar as pessoas para a festa, daí a grande quantidade de fogos. Passam pela Casa do Imperador quase todos os dias, a fim de tomar café com biscoitos. Em outros dias, o café é oferecido por membros da comunidade. Durante a Alvorada, A Banda de Couro é seguida por um pequeno número de pessoas, diferentemente da alvorada realizada pela Banda de Música Phoênix. Alvorada com a Banda de Música Phoênix: realiza apenas três alvoradas, a primeira no segundo dia da novena (sábado) e no Sábado e Domingo do Divino, sempre às cinco horas da manhã - uma hora mais tarde do que a alvorada com a Banda de Couro. O desfile se inicia na sede da Banda, na Rua Nova ao lado do Cruzeiro. O trajeto tradicional prevê a passagem pela Casa do Imperador, onde é executado o Hino do Divino na sala do altar da Coroa e oferecido aos músicos café com biscoitos. Um número considerável de acompanhantes - mais de mil pessoas, em sua maioria, jovens e adolescentes - segue cantando, dançando e brincando em direção à Igreja do Bonfim onde se toca novamente o Hino do Divino e se beija a porta da Igreja, antes de se voltar para sede da banda. Nos últimos anos, tem havido algumas mudanças no trajeto, com a Banda percorrendo algumas ruas afastadas do Centro Histórico. Ao longo da caminhada, a Banda toca marchas, maxixes, dobrados, sambas e músicas que compõem o repertório das Cavalhadas e da entrada dos mascarados no campo, sendo essas últimas as que causam maior euforia. Na alvorada do Domingo do Divino, o Hino do Divino é tocado repetidamente, após cada música executada. As Alvoradas são momentos bastante festejados, cuja finalidade é acordar a população para a festa; por esta razão, além das músicas, os estouros de fogos são imprescindíveis. A passagem da Alvorada da Banda também é acompanhada por muitos moradores, de suas janelas.		
REGISTROS	PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins da (2001)	Nº	28 e 39
CONTATOS	Alexandre Pompeu de Pina, Hondinelly Santana de Melo, Inácio da Luz Oliveira, João Luiz Pompeu de Pina, Lunildes de Oliveira Abreu, Pompeu Christóvam de Pina, Séfora Eufrásia de Pina.	Nº	05, 45, 46, 53, 68, 92 e 103

DENOMINAÇÃO	Armeiro				IDENTIFICADO		4
	X SIM		NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
Ocorrência	ÉPOCA	Período que antecede a Festa do Divino	LUGAR	Casa do artesão			
DESCRIÇÃO					É um ofício recente que vem ocupando espaço na produção dos ornamentos que compõem as vestimentas dos cavaleiros e adereços das montarias. A arte consiste em moldar as folhas de latão, alpaca, alumínio, cobre e prata, transformando-as em armaduras e acessórios diversos, dando um toque medieval às vestimentas, ornamentadas com pedrarias, couro, veludo e plumas. São confeccionados para os cavaleiros: braceletes, capacetes e armaduras, feitos sobre medida e revestidos com borracha para maior conforto. Para os cavalos são produzidos peitorais, máscaras, adereços para as patas e arreatas, dentre outros. Esta arte tem contribuído para a sofisticação das vestimentas e da valorização do dourado para os mouros e prateado para os cristãos.		
	RESTAÇO-0047-JGC-F01-A3-ARMADURA E CAPACETE DO EMBAIXADOR MOURO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

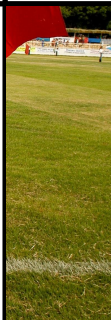
	A fama do artesanato já ultrapassa os limites do município, pois vem constantemente recebendo diversas encomendas de outras cidades como Jaraguá, Palmeiras, Santa Cruz de Goiás e Corumbá de Goiás e até de outros estados, como Taguatinga do Tocantins e Poconé em Mato Grosso do Sul.		
REGISTROS	Não constam registros.	Nº	-
CONTATOS	Vanderlei da Costa	Nº	114

DENOMINAÇÃO	As Artes do Divino de Pirenópolis – Exposição				IDENTIFICADO		5
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
Ocorrência	ÉPOCA	09/05 a 08/06/2008	LUGAR	Casa de Câmara e Cadeia			
DESCRIÇÃO	 SET – 4342 – CARTAZ DA EXPOSIÇÃO ARTES DO DIVINO. FOTO: SAULO CRUZ, 2008.				Exposição realizada pelo IPHAN-MinC, com apoio da Prefeitura Municipal de Pirenópolis e dos artesãos pirenopolinos. A mostra apresentou diferentes manifestações artísticas locais, inspiradas na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Foram apresentadas pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, trabalhos em papel, cerâmica, tecido e outros materiais, além de elementos de decoração e composição de cenários da Festa. No Rio de Janeiro, a exposição foi montada na Sala do Artista Popular (CNFCP). Em Pirenópolis, a exposição ocupou três salas, (uma no piso térreo e duas no pavimento superior) da Casa de Câmara e Cadeia, restaurada pelo IPHAN em 2005. No piso térreo, foram expostas obras ligadas à representação do Divino Espírito Santo. Na primeira sala do piso superior foram apresentadas produções mais voltadas para o tema das Cavalhadas e, na segunda, criações em torno dos Mascarados.		
REGISTROS	As Artes do Divino – catálogo da exposição 2008.				Nº	128	
CONTATOS	Ana Claudia Lima e Alves, Claudia Azeredo, Claudimar Pereira, Ita Pereira, João Luiz Pompeu de Pina, José Inácio do Nascimento, José Luiz Clavijo Saracho, Lúcio Flávio Abrantes, Lunides de Oliveira Abreu, Marina de Macedo Soares, Marta Eniza de Oliveira Lôbo, Pérsio Forzani.				Nº	09, 24, 25, 49, 53, 58, 59, 63, 68, 81, 82 e 91.	

DENOMINAÇÃO	As Pastorinhas				IDENTIFICADO		6
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Theatro de Pirenópolis e Campo das Cavalhadas			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	 Auto teatral natalino encenado desde a década de 1920 em Pirenópolis, por ocasião dos festejos do Divino. A peça compõe-se de 46 canções e 12 árias; divide-se em três atos e representa a visita das pastoras a Belém. O grupo é formado principalmente por moças da cidade que se distribuem entre o cordão vermelho e o cordão azul, e as demais personagens (Fé, Esperança, Caridade, Cigana, Anjo, Diana e Religião). Aos homens, cabem os papéis de Simão (o velho), Benjamin (o menino) e Luzbel (o capeta). Atualmente, o auto tem sido dirigido pelo casal de violinistas Ita e Alaor de Siqueira e Natália de Siqueira, que dividem a responsabilidade de levar em cena as músicas e o bailado dançado pelas personagens. As Pastorinhas acabam por representar o momento de apresentação das meninas à comunidade pirenopolina, um verdadeiro rito de passagem, onde a dança e a música servem de suporte à tradição local. A partir da década de 1980, tem início a apresentação das Pastorinhas numa versão infantil cujo propósito é compor a coreografia da abertura das Cavalhadas e representar a peça no período do Natal. O grupo é formado somente por crianças e dirigido por Aspásia Maria de Pina Jayme.		
REGISTROS	LÔBO, Tereza Caroline, CURADO, João Guilherme. As Pastorinhas: auto teatral que compõe as Festas do Divino em Pirenópolis (2007), MENDONÇA, Belkiss Spenciêre Carneiro de (1981), PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga. <i>Uma festa religiosa</i> (1978), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), PINA, Isabel Maria de Fátima Roriz Pompeu de (2005), SILVA, Mônica Martins da (2001)	Nº	16, 24, 28, 33, 36 e 39
CONTATOS	Alaor de Siqueira, Aspásia Maria de Pina Jayme, Benedita D'Abadia Lopes Siqueira, Natália de Siqueira, Pompeu Christóvam de Pina.	Nº	04, 16, 17, 86 e 92

DENOMINAÇÃO	Banda de Couro				IDENTIFICADO		7
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período dos Festejos ao Divino Espírito Santo	LUGAR	Ruas da cidade, casa do Imperador e Largo da Igreja da Matriz.			
DESCRIÇÃO	 Grupo de percussão que remonta às festas dos negros escravos realizadas na Igreja de Nossa do Rosário dos Pretos, no século XVIII. Esta Banda é composta por tambores (caixas) de zabumba, rufadeira e tambores de vários tamanhos que dão ritmo e cadência aos jogos, junto com o saxofone e o triângulo que, hoje, entremeiam diversas modinhas conhecidas e cantadas pela comunidade. No passado, havia outros instrumentos musicais como pífano, clarineta e sanfona. A Banda integra os festejos do Divino participando das Alvoradas, do Reinado e do Juizado, das noites de novenas, da abertura das Cavalhadas e das tocatas no Largo da Matriz. Atualmente os integrantes da Banda de Couro são em sua maioria crianças, pertencentes aos vários segmentos sociais locais, muitas delas moradoras do Alto da Lapa onde fica a residência de Vicente Melani (Vicente Sebastião de Pina), atual organizador da banda. As crianças que pedem para entrar na Banda assumem o compromisso de acordar de madrugada e tocar durante a noite, por quase duas semanas, durante a Festa do Divino. SET – 7242 – BANDA DE COURO. FOTO: SAULO CRUZ, 2008.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	CARVALHO, Adelmo de (2001), LÔBO, Tereza Caroline. <i>A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis -Goias</i> (2006), RAPOSO, Euda da Silva (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001), SIQUEIRA, Vera (1997) Documentários – Divino Pirenópolis (1989), Festa do Divino (1968)	Nº	7, 17, 37, 39 e 42.
CONTATOS	Vicente Sebastião de Pina (org.).	Nº	117

DENOMINAÇÃO	Banda de Música Phoênix				IDENTIFICADO		8
	X ☐ SIM		☐ NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
Ocorrência	ÉPOCA	Durante os Festejos do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Ruas da cidade, Casa do Imperador, Igreja, Campo das Cavalhadas.			
DESCRIÇÃO				A Banda Phoênix participa da Festa do Divino desde 1893, ano em que foi fundada por Joaquim Propício de Pina, o Mestre Propício. Entretanto, até 1935, divide com sua rival - a Banda Euterpe - a participação nos festejos: neste ano, a Banda Euterpe é extinta e muitos de seus membros são incorporados à Banda Phoênix. Com exceção das Folias, a Escola e Banda de Música Phoênix do Mestre Propício, nome oficial da Banda, está presente na maioria das celebrações e eventos que compõem a Festa do Divino, como alvoradas, cortejos, missas, novenas, levantamento do mastro, queima de fogos, Cavalhadas, Reinado e Cavalhadinha.			
	SET – 5262 – BANDA DE MÚSICA PHOENIX FOTO: SAULO CRUZ, 2008. A escola de música, sediada no Museu da Família Pompeu, forma os músicos que compõem a Banda Phoênix. Durante os festejos, além do Hino do Divino, a Banda executa repertório formado principalmente por dobrados, já incorporado à história da Festa e à memória coletiva.						
	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), JAYME, Jarbas (1971), MENDONÇA, Belkiss S. C. de (1981), SILVA, Mônica Martins da (2001).				Nº	6, 14, 24 e 39	
CONTATOS	Alexandre Luiz Pompêo de Pina, Pompeu Christóvam de Pina e demais músicos da Banda Phoênix.				Nº	5 e 92	

DENOMINAÇÃO	Bandeiras do Divino					IDENTIFICADO		9
						X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
Ocorrência	ÉPOCA	Festa do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Ruas da cidade, zona rural, casa do Imperador, Igreja Matriz, Campo das Cavalhadas.				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO				
	RESTAQR-0022-JCG-F01-A3 – BANDEIRA DO DIVINO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008			
	O culto ao Divino Espírito Santo é uma das práticas mais antigas e difundidas do catolicismo popular brasileiro. Sua origem remonta às celebrações realizadas em Portugal a partir do século XIV, nas quais a terceira pessoa da Santíssima Trindade era festejada com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres.			
	O Espírito Santo é freqüentemente simbolizado por uma pomba branca, baseado no relato da descida do Espírito Santo sobre Jesus, após seu batismo no Rio Jordão. Outros relatos descrevem o Espírito Santo descendo sobre os apóstolos, em Pentecostes, na forma de vento e línguas de fogo, as quais representam os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor a Deus. Todos estes símbolos estão representados nas Bandeiras do Divino, normalmente confeccionadas em tecido vermelho com pinturas ou aplicações.			
	São várias as Bandeiras do Divino que circulam durante a Festa, cada qual utilizada em momentos específicos. Há as Bandeiras que seguem as Folias (geralmente com mastros curtos para serem carregadas pelos alferes) e as Bandeiras presentes nos cortejos do Imperador, que possuem mastros maiores e são carregadas por pessoas escolhidas previamente pela família do Imperador. São dois os símbolos presentes na Bandeira erguida junto ao queima da fogueira, no Sábado do Divino: a Coroa do Divino e a pomba branca. Esta Bandeira possui armação de madeira para ser fixada ao mastro, o que é feito pelo próprio Imperador. Durante o ano, esta Bandeira fica sob a guarda do Mordomo da Bandeira, sorteado no Domingo do Divino, junto com o Imperador. No período que antecede aos festejos, a Bandeira que acompanha a Coroa nas visitas às casas da cidade fica exposta à visitação na casa do Imperador, junto ao altar. É comum que famílias possuam Bandeiras do Divino guardadas em casa, principalmente se nela houve algum Imperador. Há empréstimo dessas Bandeiras para compor os cortejos da Festa do Divino.			
REGISTROS	PINA FILHO, Braz Wilson (1971), RAPOSO, Euda da Silva (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001), VEIGA, Felipe Berocan (2002)		Nº	33, 37, 39 e 44.
CONTATOS	Lunildes Abreu, Rafael Samuel Nominato e Imperadores.		Nº	68 e 93.

DENOMINAÇÃO	Bandeirolas de papel				IDENTIFICADO		10
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Ocorrência	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Casa do Imperador, casa dos reis e rainhas do Reinado, Casas dos pousos de Folia, trajeto da Casa do Imperador à Igreja Matriz.
Descrição	 RESTARQ-0005-JGC-F01-A3 – BANDEIROLAS NA MANHÃ DO DOMINGO DO DIVINO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008			Para os pirenopolinos, o barulho das bandeirolas – expostas ao vento mais intenso que sopra na época dos festejos – lembra a Festa do Divino. As bandeirolas são recortadas em papel de seda branco e vermelho e coladas em cordão com grude (feito com água e polvilho) para ornamentar a Casa do Imperador e as ruas por onde passam os cortejos do Império. As bandeirolas são esticadas na madrugada do Sábado do Divino, mudando o cenário da festa no solene Domingo de Pentecostes. Também nos pousos da Folia é comum encontrar bandeirolas brancas e vermelhas. Já nas casas dos reis e rainhas do Reinado e Juizado, as bandeirolas são brancas e azuis. Conta a tradição que, antigamente, no Domingo do Divino e primeiro dia das Cavalhadas – os Mascarados costumavam arrancar as bandeirolas antes de entrar no campo, enfeitando com elas as suas fantasias.
REGISTROS	Não constam registros			Nº -
CONTATOS	Maria José Rosa Pires			Nº 77.

DENOMINAÇÃO	Beira-Rio (Rio das Almas)			IDENTIFICADO	11
				X SIM NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
Ocorrência	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Margens do Rio das Almas – Poção da Ponte	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	 O espaço da Beira-rio das Almas é utilizado para os ensaios dos Cavaleiros. No campinho de areia ocorre o tradicional futebol entre mouros e cristãos no penúltimo dia de ensaio. O batismo dos novos cavaleiros ocorre próximo à ponte. Foi também o local onde em 2005 ocorreram as Cavalhadas devido às obras no Campo das Cavalhadas. Na Beira-rio é realizada a cerimônia do “Queima” no Sábado do Divino, um dos pontos máximos da Festa. Além disso, o local é rota de passagem dos Mascarados que vão dar água aos cavalos.		
	 SET-2899 – ENSAIO DOS CAVALEIROS NA BEIRA-RIO FOTO: SAULO CRUZ, 2008  FOTO: SAULO CRUZ, 2008		
	REGISTROS	Urbis Pirenópolis	Nº
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso e Antônio Roberto Machado	Nº	02 e 14.

DENOMINAÇÃO	Bênção das Bandeiras				IDENTIFICADO		12
					X SIM	NÃO	
TIPO	X ☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Terceiro dia de novena (04/05/2008) e nono dia de novena (10/05/2008)	LUGAR	Igreja Matriz			
DESCRIÇÃO				Cerimônia onde o padre benze as Bandeiras do Reinado (Nossa Senhora do Rosário e São Benedito), no terceiro dia de novena e a Bandeira do Divino, na véspera do domingo de Pentecostes (ou Domingo do Divino), na Igreja Matriz. A bênção é rápida e consiste basicamente na aspersão de água benta sobre as Bandeiras ao			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	final das missas que se seguem à novena, durante a execução do Hino do Divino. Enquanto permanecem na Igreja, as Bandeiras não são tocadas pelos presentes. Entretanto, quando são conduzidas em cortejo até os mastros, são tocadas e beijadas pelos que estão próximos. Os mastros das Bandeiras do Reinado são levantados no Largo do Bonfim e o da Bandeira do Divino, no Largo da Matriz. É importante destacar que mesmo que alguns segmentos da Igreja não concordem com estes procedimentos, vários objetos são bento pelos párocos locais. Em Pirenópolis, as bênçãos de objetos são realizadas todas as quartas-feiras, após a missa noturna na Igreja Matriz. Quanto às Bandeiras carregadas pelos alferes à frente das Folias, somente as da Folia do Padre recebem a bênção oficial da Igreja. Entretanto, todas as Bandeiras do Divino participam de rituais próprios das Folias onde são abençoadas. RESTA-0024-VAS-F01-03 – BANDEIRA DO DIVINO RECEBENDO A BÊNÇÃO DO PADRE OSCAR VASCONCELOS NO ALTAR DA IGREJA MATRIZ FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008		
REGISTROS	LÔBO, Tereza Caroline (2006)	Nº	17
CONTATOS	Eduardo Tadeu do Nascimento, Padre Joel Alves de Oliveira, Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho, Rafael Samuel Nominato, Randolfo Carmo de Sá.	Nº	34, 55, 90, 93 e 94.

DENOMINAÇÃO	Bordadeiras				IDENTIFICADO		13
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede a Festa do Divino	LUGAR	Casa das bordadeiras			
DESCRIÇÃO	 RESTA-0046-JGC-F01-A3-BORDADEIRA FINALIZANDO ADEREÇOS DE MONTARIA MOURA FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008 São costureiras que neste período se dedicam ao ofício de bordar as roupas e acessórios usados pelos cavaleiros das Cavalhadas. A arte consiste em distribuir o brilho e as cores dando forma aos desenhos. No passado, era usado o brocal nas capas, num trabalho artesanal de colagem que foi substituído pelas lantejoulas, vidrilhos e pedrarias bordados com linha de nylon no veludo. Nos acabamentos, são fixadas as rendas, fitas, boás e flores, num trabalho complexo e especializado. As cachaceiras – peças compostas por fitas e flores – que cobrem a crina do cavalo e as rabeiras colocadas nas ancas do animal compõem parte do trabalho realizado pelas bordadeiras. São encontrados bordados na capa do revólver, no peitoral colocado no cavalo, na murça (peça jogada sobre os ombros do cavaleiro), nas pernas das calças, nas camisas, nos chapéus e nas capas que se caracterizam pela representação de imagens ligadas ao cristianismo como a cruz, ostensório, pombas, uvas e cálices e os símbolos mouros, como a lua, dragão, cartas de baralho, dados, águias, dentre outros.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	Documentário - Divinas Marias – UnB (1993)	Nº	
CONTATOS	Angélica Oliveira da Veiga Brandão, Geralda Rodrigues dos Santos, Maria Aparecida Melo, Josefa de Oliveira e Veiga	Nº	13, 39, 72 e 57.

DENOMINAÇÃO	Camarotes				IDENTIFICADO		14
	X SIM		NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO X ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede e durante as Cavalhadas	LUGAR	Campo das Cavalhadas			
DESCRIÇÃO	 RESTAUR-0071-JGC-F01- A3- CAMAROTE FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008 Antigamente, estruturas de madeira suspensas, apoiadas no chão, sobre as quais se formavam o que Brandão (1978) chamou de “palanque”. Hoje, são levantados nos mesmos moldes, porém a partir de estrutura de cimento, no Campo das Cavalhadas. Espaço privado reservado às famílias para acompanhar as apresentações das Cavalhadas, a movimentação no campo e recepcionar os amigos e parentes. Obedece a uma hierarquia de localização prévia e pouco alterada. São cobertos por folhas de coqueiro e/ou ramos de jasmim e tradicionalmente enfeitados na frente com pedaços de chita. É local de encontro de grande parte do público das Cavalhadas. Nos camarotes há fartura de doces e pratos tradicionais como o queijo-leite, os canudinhos com doce de leite, as balas de coco, as paçocas, as farofas de frango e os mais diversos tipos de salgados, regados a variadas bebidas que vão da água ao uísque, passando pela cerveja. Com a construção do Campo das Cavalhadas, houve uma reconfiguração dos espaços destinados aos camarotes, alterando tamanhos, estruturas e localizações.						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), SILVA, Mônica Martins da (2001a)				Nº	6, 21 e 39	
CONTATOS	Emílio de Carvalho, Itamar Gonçalves, João Batista Cabral, João Ribeiro Damaceno Filho, Josefa de Oliveira e Veiga, Luís Carlos Basílio de Oliveira, Pompeu Christóvam de Pina, Sebastião da Veiga.				Nº	35, 50, 51, 54, 57, 65, 92 e 101	

DENOMINAÇÃO	Campo das Cavalhadas					IDENTIFICADO		15
						X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO X ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	X ☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Permanente; durante a encenação das Cavalhadas, na Festa do Divino.	LUGAR	Campo das Cavalhadas				
DESCRIÇÃO				Desde 1826, quando foram incorporadas à Festa do Divino, as				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Cavalhadas eram realizadas no Largo da Matriz, nos fundos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e ali permaneceram até o ano de 1958 quando, então, o local passou a ser ocupado por outras edificações. A partir de 1966, as Cavalhadas passaram a ser realizadas no campo de futebol, cedido pela Associação Atlética Pirenopolina que viria a transformar-se no Estádio Dr. Ulisses Jayme, em 1969. Depois de transferidas para o Estádio, as Cavalhadas começaram a sofrer as primeiras transformações em função do próprio agenciamento do espaço. O solo de terra vermelha foi gramado e as cordas de bacalhau que o cercavam foram substituídas por um alambrado, estabelecendo definitivamente a separação entre o público e o espetáculo. Em 2005, em função da construção do Estádio de Múltiplo Uso, o espetáculo foi transferido para o campo de ensaios às margens do Rio das Almas. A partir de 2006, as Cavalhadas voltaram a ser encenadas no Estádio, conhecido por todos como “Campo” ou “Campo das Cavalhadas”.		
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004), BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1974), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2004), SILVA, Mônica Martins da (2001)	Nº	1, 4, 20 e 39.
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso, Antônio Roberto Machado, Itamar Gonçalves de Bastos, João Batista Cabral, João Ribeiro Damaceno Filho, Luís Carlos Basílio de Oliveira, Milton Pereira da Silva, Pompeu Christóvam de Pina, Ronaldo Rodrigues da Cunha, Sebastião da Veiga, Tassiano Brandão, Vanderlei Alcantara Ramos Sobrinho.	Nº	2, 14, 50, 51, 54, 65, 85, 92, 97, 101, 109 e 115

DENOMINAÇÃO	Casa do Imperador				IDENTIFICADO		16
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO X ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede e durante a Festa do Divino	LUGAR	Residência do Imperador			
DESCRIÇÃO				A Casa do Imperador é lugar central e ponto de convergência das ações que se desenvolvem antes e durante a Festa do Divino. Lá se estabelecem as relações do Imperador com a comunidade, o seu poder de comando sobre a festa e ficam entronizadas as insígnias do Divino – Coroa, Cetro e bandeiras - objetos de visitação constante. Ali também acontecem as reuniões dos auxiliares do Imperador, além das várias atividades que compõem o arcabouço desta longa festa. Lá é servido o café da manhã para a Banda de Couro e a Banda Phoenix durante as alvoradas, o lanche aos cavaleiros após os ensaios, algumas farofadas e jantares. Em grandes mutirões, lá também são			
	SET-7902 – FACHADA DA CASA DO IMPERADOR FOTO: SAULO CRUZ, 2008						
produzidas as verônicas e as bandeirolas que enfeitam o caminho das idas e vindas dos cortejos. Tradicionalmente, a Casa do Imperador é a própria residência do festeiro ou de algum de seus familiares. Nos últimos anos, houve por parte da Igreja local a tentativa de imposição de um espaço permanente como Casa do Imperador, que chegou a abrigar alguns Impérios. Entretanto, a iniciativa não foi bem aceita por grande parte dos participantes devido à sua precariedade e impessoalidade. Os Imperadores dos anos de 2003, 2006 e 2008 ergueram seus Impérios em um							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	mesmo imóvel alugado na região central da cidade, em local de fácil acesso para a comunidade e próximo ao Largo da Matriz e do Campo das Cavalhadas. A casa possui espaço suficiente para abrigar o altar da Coroa, cozinha, área livre coberta para celebrações e refeições, tablado para a apresentação de catiras e local para apeiragem de cavalos e lançamento de tiros de toco. É grande a quantidade de devotos que diariamente passam por lá, durante a festa.		
	PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA Mônica Martins da (2001), VEIGA, Felipe Berocan (2002)	Nº	28, 39 e 44.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Alexandre Pompêo de Pina, Arnaldo Peixoto de Oliveira, Benedito da Luz Sobrinho, Duílio Pompeu de Pina, Luiz Pereira da Silva, Marcos de Siqueira, Pompeu Christóvam de Pina, Valdo Lúcio Cardozo, Vanderlei Alcantara Ramos Sobrinho, Wilno Luiz Pompeu de Pina.	Nº	3, 5, 15, 18, 33, 67, 70, 92, 114, 115 e 120.

DENOMINAÇÃO	Catira				IDENTIFICADO		17
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Casa do Imperador, casas onde ocorrem as Farofadas, Folias.			
DESCRIÇÃO				Dança bastante comum pelo Brasil, aqui é praticada principalmente pelos cavaleiros a cada Farofada ou nas reuniões na Casa do Imperador. Dançada aos pares dispostos em duas filas, uma de frente para outra, seguindo a toada dos músicos com violões, violas e sanfonas dentre outros instrumentos. No catira as respostas vêm cantadas, em palmas ou sapateados, sempre obedecendo a uma seqüência pré-estabelecida. O Catira é dançado em todas as Farofadas, uma maneira de agradecimento. Neste ano, 2008, houve na Casa do Imperador uma apresentação de Catira de um grupo de Souzaânia.			
	Nas Folias o Catira é dançado em dois momentos: após a Dança do Chá e após o agradecimento de mesa, depois da janta. Tradicionalmente o Catira é dança masculina, porém, na cerimônia de abertura no Campo das Cavalhadas e também na Cavalhadinha há a apresentação das Catireiras, presentes desde o final da década de 1980.						
	SET-1408 – CATIRA DURANTE FOLIA DA CIDADE FOTO: SAULO CRUZ, 2008						
REGISTROS	CASCUDO, Luiz da Câmara (2008), SILVA, Mônica Martins da (2001)				Nº	54 e 39	
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso, Antônio Roberto Machado.				Nº	2 e 14	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavaleiros das Cavalhadas			IDENTIFICADO SIM ☒ NÃO ☐		18
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período dos Festejos ao Divino Espírito Santo.	LUGAR	Campo das Cavalhadas, campo de ensaios, casas das farofadas, casa do Imperador, Igrejas Matriz e do Bonfim, ruas da cidade, casas dos cavaleiros.		
DESCRIÇÃO	 Os cavaleiros, personagens máximos das Cavalhadas, estão distribuídos em dois grupos (mouros e cristãos), com doze participantes cada um. Os primeiros de cada grupo são os reis, seguidos pelos embaixadores e por dez soldados que representam as lutas de Carlos Magno e os Doze Pares de França para libertar a Península Ibérica do domínio sarraceno. Durante os ensaios, dez dias antes da apresentação, percorrem as ruas da cidade montados a cavalo, diferenciados por lenços vermelhos e azuis amarrados ao pescoço. Ainda neste período, são oferecidas as Farofadas – com grande variedade de pratos tradicionais, servidos antes dos ensaios matinais e nos finais de tarde, após os ensaios. Participam da chegada da Folia da Roça e são os personagens principais da cerimônia de Entrega da Lança ao Imperador, simbolizando o encerramento dos ensaios. As Cavalhadas são apresentadas no Campo das Cavalhadas e duram três dias, do Domingo do Divino à terça-feira. Os cavaleiros e seus cavalos são ricamente ornados para a simulação da luta entre mouros e cristãos. Atualmente, os cavaleiros possuem uma Associação liderada pelos reis onde são tomadas decisões pertinentes ao grupo, como a escolha de novos cavaleiros e a ida à França em 2005 (Ano do Brasil na França), para representar o folclore goiano.					
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), SILVA, Mônica Martins da (2001). Documentário “Divino Pirenópolis” (1989).			Nº	1, 21 e 39.	
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso (rei cristão), Antonio Roberto Machado (rei mouro), Inácio Rosicler de Pina, Luiz Armando Pompeu de Pina, Pompeu Christóvam de Pina.			Nº	2, 14, 47, 64 e 92	

DENOMINAÇÃO	Cavalhadas			IDENTIFICADO X SIM ☒ NÃO ☐		19
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	De Domingo do Divino a terça-feira.	LUGAR	Campo das Cavalhadas		
DESCRIÇÃO	 As Cavalhadas são a representação da luta entre mouros e cristãos, durante a invasão da Península Ibérica, no período medieval. A encenação das Cavalhadas foi conhecida por quase toda a Europa, apesar de ser realizada basicamente em Portugal e Espanha, o que explica sua posterior difusão nas colônias americanas. No Brasil, há registros da ocorrência de Cavalhadas desde o período inicial da ocupação portuguesa, sendo					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	muito difundida no nordeste e sudoeste, embora fossem encenadas em todas as regiões do país. Em Goiás, não há registros conhecidos que remontem às Cavalhadas antes de 1819, embora historiadores concordem ser bem provável que tal manifestação cultural já ocorresse em várias vilas e arraiais. Em Pirenópolis, a primeira menção às Cavalhadas é de 1826, mandadas realizar pelo então Imperador do Divino, o Padre Manuel Amâncio da Luz, que, entre outras iniciativas, mandou fazer a Coroa e o Cetro do Divino em prata pura e instituiu a distribuição de verônicas e pãezinhos durante os festejos, tradição que permanece viva até os dias de hoje. Inicialmente as Cavalhadas foram encenadas no Largo da Matriz – hoje Praça da Matriz – e não era comum que acontecesse todos os anos, apresentando intervalos significativos entre uma e outra encenação. Até 1958, foram apresentadas no Largo da Matriz, sendo transferidas para o Campo das Cavalhadas em 1966. Os personagens envolvidos na luta são doze cavaleiros mouros e doze cristãos, além de um espião mouro vestido de onça. A narrativa tem início com um soldado cerra-fila cristão sendo orientado para matar o espião mouro, que avança sobre as terras cristãs. As batalhas continuam a ser travadas nesse primeiro dia de apresentação – o Domingo do Divino – e só vão se encerrar com o pedido de trégua, feito pelos mouros. Os combates continuam na segunda-feira, até que os cristãos conseguem efetivar a prisão dos mouros; diante de tal situação, o rei mouro se rende ao batismo – geralmente realizado por um padre. Seguem-se as carreiras “engrazadas”, evoluções em fila, onde se alternam cristãos e mouros repetidamente. É deste modo que deixam o campo no segundo dia de encenação, representando o final da luta, visto que os mouros foram convertidos ao cristianismo. No terceiro dia, os cavaleiros entram juntos pelo lado cristão – o poente – e se agregam em grupos para formar os buquês de flores a serem ofertados a membros da comunidade. Em seguida, com lanças, espadas e tiros, realizam os torneios de “tirar as cabeças” – máscaras de papel colocadas sobre toras de bananeira. Outro momento bastante aguardado é o das “argolinhas” - um arame moldado em circunferência de aproximadamente 10 cm, onde cada cavaleiro tem a oportunidade de demonstrar suas habilidades pessoais. As Cavalhadas vêm ganhando destaque dentro da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, a partir da década de 1970.				
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004), BRANDÃO, Carlos Rodrigues, (1974), BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), RAPOSO, Euda da Silva, (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001), VEIGA, Felipe Berocan (2002).			Nº	1, 4, 6, 21, 33, 37, 39 e 44.
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso, Antônio Roberto Machado, Itamar Gonçalves de Bastos, Pompeu Christóvam de Pina.			Nº	2, 14, 50 e 92.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavalhadinha				IDENTIFICADO		20
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Corpus Christi (de quinta a domingo)	LUGAR	Vila Matutina			
DESCRIÇÃO	 SET-4800 – CAVALHADINHA NA VILA MATUTINA FOTO: SAULO CRUZ, 2008 Há gerações, a maioria das crianças da cidade brinca de cavalhada em cavalos de pau, após a Festa do Divino. Desde 1988, no entanto, promove-se a Cavalhadinha, exclusivamente encenada por crianças que moram ou têm parentes na Vila Matutina. João Luiz Pompeu de Pina, então embaixador mouro, foi o responsável pelos primeiros ensaios oficiais dos cavaleirinhos, iniciando o processo de aglutinação paulatina de outras formas de expressão e eventos às Cavalhadas Infantis. Hoje, a Cavalhadinha faz parte da programação oficial da Festa do Divino de Pirenópolis e, com exceção das Folias, conta com alvoradas, rezas na Praça da Santa, sorteio e coroação do Imperadorzinho, Reinado, Juizado, Mascarados, queima de fogos, procissões e distribuição de verônicas. A Cavalhada Mirim conta com cerimônia de abertura no campo, camarotes e arquibancada. À semelhança da “Festa grande”, músicos da Banda Phoenix também comandam as carreiras do espetáculo e, no último dia, ao final da encenação e após a reza e sorteio na Praça da Santa, conduzem a multidão às lajes, à beira do rio das Almas, onde se realiza o “queima”. A Cavalhadinha inicia-se na noite de Corpus Christi e termina no domingo seguinte e, a cada ano, vem atraindo um público sempre maior. As vestimentas dos cavaleirinhos, antes simples e feitas de papel, tomaram importância e hoje são confeccionadas em cetim e veludo, e bordadas à semelhança das roupas dos Cavaleiros. Chama à atenção as relações de parentesco e vizinhança que comandam a organização e a produção da Festa, uma característica básica das Festas do Divino revigorada na Cavalhadinha. Outras Cavalhadinhas acontecem na cidade, porém de caráter informal. As mais conhecidas são a Cavalhadinha organizada por Eduardo Tadeu do Nascimento (Dudu), que acontece dias depois, em um campinho próximo ao Campo das Cavalhadas e a da Escola Municipal Geraldo de Moraes.						
REGISTROS	SILVA, Fernanda Adamski (2004).				Nº	38	
CONTATOS	Célio Pompeu de Pina, Divina Marques Ferreira, Eduardo Tadeu do Nascimento (Dudu), Itamar Gonçalves de Bastos, João Luiz Pompeu de Pina, José Inácio Nascimento, Suelene Aquino Afonso Gonçalves.				Nº	20, 31, 34, 50, 53, 58 e 107.	

DENOMINAÇÃO	Cozinha da Casa do Imperador				IDENTIFICADO		21
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Casa do Imperador			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	 RESTARQ-0008-JGC-F01-A3 – COZINHA NA CASA DO IMPERADOR FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO 			A Casa do Imperador é o espaço de entronização da Coroa do Divino e centro de confluência das festividades relacionadas ao Império. Cabe ao Imperador receber visitantes e devotos do Divino, seja em cerimônias, seja no dia-a-dia, retribuindo sempre com demonstrações de fartura e abundância, através da distribuição de alimentos. A Casa do Imperador conta, portanto, com uma grande cozinha, sempre em funcionamento, com um número considerável de cozinheiras e ajudantes, dirigidas pela esposa do Imperador. No cardápio, além das tradicionais verônicas, entram salgados como, por exemplo, empadinha de frango, pão-pereira, pastel, enroladinho, rizole, quibe, dentre outros. Entre as quitandas, são comuns o biscoito de queijo, pão-de-queijo, rosca, bolacha, biscoito quebrador (polvilho) e pipoca (peta). Nos almoços e jantares são servidos galinha, arroz, feijão tropeiro, macarrão, salada de tomate com repolho, churrasco, almôndegas, carne de porco, com algumas raras variações. Os refrigerantes são oferecidos em todos os momentos, mesmo nas madrugadas. É grande o número de pessoas que por lá passa diariamente. O café e a pinga (cachaça) são servidos em todos os momentos e, em ocasiões determinadas, são acompanhados por quitandas e salgados, como nas Alvoradas e durante a feita das verônicas. No domingo de Páscoa é servido um almoço para os cavaleiros que lá se reúnem para firmar o compromisso de realização das Cavalhadas. Também durante os ensaios dos Cavaleiros, repetem-se as chamadas “mesadas” nas Farofadas (feitas na Casa do Imperador ou oferecidas por membros da comunidade) e no dia da cerimônia da entrega da lança ao Imperador - que simboliza o final dos ensaios. Também cabe a ele servir café e quitandas durante os ensaios das Pastorinhas e da Opereta (drama) e aos cavaleiros, durante as Cavalhadas. No domingo da chegada das Folias, os participantes também são recebidos com alimentos que são degustados após a entrega das Bandeiras do Divino e das esmolas ao Imperador. Na primeira quarta-feira após o Domingo de Pentecostes, o Imperador serve um jantar para todos os participantes diretos dos festejos, organizadores, amigos e autoridades. Caracteriza-se como despedida e agradecimento por parte do Imperador, que discursa aos convidados.		
	REGISTROS	PINA, Célia Fátima de (s/d)	Nº	31		
CONTATOS	Imperadores e suas esposas, Maria José Pires, Maura Fleury, Terezinha de Arruda Camargo		Nº	77, 83 e 112		

DENOMINAÇÃO	Congada				IDENTIFICADO		22
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Do Sábado do Divino à Terça-feira das Cavalhadas	LUGAR	Porta da Matriz, ruas da cidade e campo das Cavalhadas.			
DESCRIÇÃO				“Folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito à religiosidade” (Cascudo, 2008, p.149). O grupo é convidado para participar dos festejos do Reinado, participando, entretanto, de outros momentos da Festa do Divino de Pirenópolis. São dançadores			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	que executam coreografias simples, cantam alguns versos de difícil compreensão, representam uma embaixada de coroação aos reis negros homenageando a Nossa Senhora do Rosário e tocam instrumentos artesanais (caixa de couro, reco-reco e pandeiro). Apresentam-se no Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Matriz, acompanham os cortejos do Reinado e compõem a coreografia de abertura no Campo das Cavalhadas, no primeiro e no último dia das Cavalhadas.				
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CURADO, João Guilherme LÔBO e Tereza Caroline (2004), PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins (2001)			Nº	06, 10, 28 e 39.
CONTATOS	Dona Maria da Congada			Nº	80

DENOMINAÇÃO	Congo				IDENTIFICADO		23
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino		LUGAR	Porta da Matriz, Reinado, Campo das Cavalhadas		
DESCRIÇÃO	 Vinda de Jaraguá, a dança do Congo, apresentada em Pirenópolis desde 1935, era antigamente dançada por adultos. A dança é composta por duas alas de crianças que encenam embaixada e cantam músicas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, ao mesmo tempo em que tocam instrumentos de percussão como tambores e chocalhos. Vestem-se de branco, saias vermelhas com fitas coloridas e cocar de penas. Apresentam-se no Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Matriz, acompanham os cortejos do Reinado e participam da coreografia de abertura das Cavalhadas no primeiro e último dia das Cavalhadas.						
REGISTROS	CURADO, Glória Grace (1980); CASCUDO, Luiz da Câmara (2008)				Nº	9 e 54.	
CONTATOS	Daniel Cristovam Almeida Cunha, Diogo Reis, Pompeu Christóvam de Pina.				Nº	27, 30 e 93	

DENOMINAÇÃO	Contra-Dança				IDENTIFICADO		24
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Largo da Matriz e Campo das Cavalhadas			
DESCRIÇÃO				Dança de origem portuguesa e espanhola, cujos dançadores seguram fitas e executam movimentos coreográficos simultâneos em torno do pau-de-fita (mancebo), formando desenhos geométricos.			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Trançam e destrançam as fitas seguindo o ritmo da melodia marcada pela sanfona (Cascudo, 2008). Em Pirenópolis, cerca de um mês antes da apresentação, alguns funcionários da Prefeitura responsáveis por ensaiar os grupos folclóricos que participarão da festa, visitam as escolas, convidando jovens e crianças. O grupo é formado por casais vestidos de branco, com fitas vermelhas na cintura e chapéu de palha. Portam um arco coberto com papel crepom branco, com fitas vermelhas dispostas em espaços regulares, que utilizam em outra coreografia. Apresentam em dois momentos da Festa do Divino: no Domingo do Divino, pela manhã, e na abertura das Cavalhadas. No Domingo do Divino, pela manhã, dançam no Largo da Matriz e acompanham a Procissão do Divino, atrás das portas-bandeiras, seguidos pelos Congos, o andor com o séquito imperial, Banda Phoenix, Congada e demais participantes. Ainda no Domingo do Divino, o grupo apresenta-se novamente na cerimônia de abertura das Cavalhadas e repetem a mesma coreografia na terça-feira, dia do encerramento.				
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CASCUDO, Luís da Câmara (2008), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), RAPOSO, Euda da Silva (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001).			Nº	6, 54, 33, 37 e 39.
CONTATOS	Hedina Márcia de Sousa.			Nº	44

DENOMINAÇÃO	Coral Nossa Senhora do Rosário				IDENTIFICADO		25
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário			
DESCRIÇÃO					Durante o período da novena, o Coral de Nossa Senhora do Rosário canta repertório tradicional de música sacra – com a maioria dos cânticos em latim - no coro da Igreja Matriz. O Coral conta com uma pequena orquestra composta por músicos da Banda Phoenix e de dois violinos, tocados por Dona Ita e Seu Alaor Siqueira, músicos e compositores tradicionais da cidade. O Coral também atua na missa solene do Domingo do Divino. O Coral é dirigido por Alexandre Luiz Pompêo de Pina, maestro da Banda Phoenix, que também atua como tenor. Tradicionalmente, os regentes das bandas de música locais sempre ensaiaram corais para atuação em cerimônias solenes nas igrejas. Antigamente, os corais e saraus eram os espaços preferenciais para a atuação musical das mulheres pirenopolinas.		
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão (1978), SOUZA, Ana Guiomar Rego (1998)				Nº	06 e 43.	
CONTATOS	Alaor Siqueira, Alexandre Pompêo de Pina, Benedita D’Abadia Lopes Siqueira, Duílio Pompeu de Pina, José Inácio Nascimento, Nilse Jacinto da Silva, Sâmia Lorena da Silva Rocha, Valdo Lúcio Cardoso.				Nº	4, 5, 17, 33, 58, 89, 100 e 114.	

DENOMINAÇÃO	Cores (azul, branco e vermelho)				IDENTIFICADO		26
					SIM	X NÃO	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Tipo	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
Condição Atual	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
Ocorrência	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Igreja, Casa do Imperador, Campo das Cavalhadas e outros locais onde a Festa acontece.
Descrição	 RESTARQ-0040-JGC-F01-A3-AS CORES DA FESTA DO DIVINO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008 As cores mais usadas durante a Festa do Divino são o vermelho, o branco e o azul. O branco e o vermelho estão sempre presentes nos aspectos litúrgicos dos festejos. As três cores também são utilizadas nos principais eventos e manifestações que compõem a festa, como no auto As Pastorinhas e nas Cavalhadas, sendo que, nessa última, há uma inversão: o vermelho passa a representar os mouros, que serão obrigatoriamente convertidos ao cristianismo, representado pela cor azul. Nas vestimentas dos cavaleiros, bem como nos adereços que cobrem as montarias, o azul e branco são mesclados ao prateado, formando símbolos cristãos como, por exemplo, a cruz, a taça com a hóstia consagrada e a própria pomba do Divino. Da mesma forma, o vermelho, o branco e o dourado formam símbolos mouros, como, por exemplo, lua, dragão e serpente. O branco e o azul são também as cores tradicionais do Reinado, presentes nos mastros e bandeirolas. Entretanto, o vermelho é, sem dúvida, a cor que mais simboliza a Festa do Divino Espírito Santo em geral, freqüente nas bandeiras, altares e demais ornamentos utilizados nas celebrações.			
Registros	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1974).			Nº 4.
Contatos	José Inácio Nascimento, Maria Lôbo Oliveira			Nº 58 e 79.

DENOMINAÇÃO	Coroa do Divino				IDENTIFICADO		27
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	x ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante os festejos do Divino	LUGAR	Pirenópolis (Casa do Imperador, Igreja, ruas da cidade).			
DESCRIÇÃO				A Coroa do Divino é acompanhada pelo cetno e por uma bandeja de pé alto. Feita de prata, ostenta na parte superior uma cruz sobre a qual se apóia uma pomba de ouro com as asas abertas, representando o Divino Espírito Santo. A Coroa foi mandada confeccionar e doada à Igreja pelo padre Manuel Amâncio da Luz em 1826, quando Imperador. A Coroa está presente em grande parte dos eventos relacionados ao Império do Divino. A Festa em si tem início com a saída e a bênção da Coroa no Domingo de Páscoa e se encerra com a sua transferência definitiva para o novo Imperador, em cerimônia que se realiza na noite da quinta-feira de Corpus Christi. A Coroa também circula entre as casas dos Cavaleiros, para a realização dos Terços Cantados.			
	A Coroa representa a centralidade da Festa, ficando entronizada na casa do Imperador. Diante dela, fazem-se promessas e agradecimentos e entregam-se donativos para a festa. A Coroa é beijada e venerada pela comunidade durante todo o ano Imperial.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	JAYME, Jarbas (1971), MENDONÇA, Belkiss (1981), SILVA, Mônica Martins da (2001).	Nº	14, 24 e 39.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Imperador 2008 e demais Imperadores do Divino.	Nº	3.

DENOMINAÇÃO	Cortejos diversos				IDENTIFICADO		28
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino.	LUGAR	Ruas da cidade.			
DESCRIÇÃO	RESTARQ-0027-JGC-F01-A3 – CORTEJO IMPERIAL NO DOMINGO DO DIVINO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008  RESTARQ-0028-F01-A3 – CORTEJO DO JUIZADO DE SÃO BENEDITO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008  São vários os cortejos existentes durante a Festa do Divino, como, por exemplo, os que caracterizam a saída solene do Imperador de sua casa em direção à Igreja Matriz no Domingo do Divino e a volta à Casa Imperial depois do sorteio do novo Imperador. Também na cerimônia de bênção e posse da Coroa, ainda no Domingo do Divino à noite, o Imperador é conduzido em cortejo até a Igreja Matriz. Na cerimônia de transferência definitiva da Coroa ao novo Imperador, que acontece na quinta-feira de Corpus Christi à noite, os dois Imperadores são levados em cortejo da Casa do Imperador do ano até a residência do novo Imperador. Quase sempre, o Imperador segue dentro de um quadro, ladeado pelo público assistente. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito também possuem seus cortejos que conduzem seus reis, rainhas, juizes e juízas até à Igreja do Bonfim e os acompanham de volta às suas residências, onde acontecem as famosas distribuições de doces. Nestas ocasiões, há a presença da Banda Phoenix ou da Banda de Couro, enquanto o fogueteiro vai lançando tiros, indicando a localização do cortejo e da festa.						
	REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), LÔBO, Tereza Caroline (2006), SILVA, Mônica Martins da (2001).				Nº	6, 17 e 39.
CONTATOS	Pompeu Christóvam de Pina, Imperadores do Divino.				Nº	93.	

DENOMINAÇÃO	Cruzeiro de tronco de bananeira				IDENTIFICADO		29
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Ocorrência	ÉPOCA	Nos pousos das Falias do Divino e no Terceiro dia de Novena, após o levantamento dos mastros e queima das fogueiras no Largo do Bonfim	LUGAR	Nos pousos de Folia na Zona Rural e na porta da casa do Seu Zuca (José Maria de Oliveira), durante o Reinado.	
Descrição	 Sé RESTARQ - 0036 - JGC – F01-A3-CRUIZEIRO DE TRONCO DE BANANEIRA PRESENTE NO REINADO (d FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008 O Cruzeiro é formado por troncos de bananeira onde são colocadas luminárias feitas com casca de laranja, pavio de algodão e azeite de mamona, que iluminam e perfumam o ambiente. Atualmente, o Cruzeiro de tronco de bananeira é recorrente em dois momentos da Festa do Divino: durante o Reinado e nos pousos das Falias da Roça. No terceiro dia da novena – após a bênção das Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito na Matriz e o levantamento dos mastros na porta da Igreja do Bonfim - o cortejo desce a Rua Aurora em direção ao Cruzeiro, montado diante da casa de go andador do Reinado), sinalizando que a festa lugar. Reza a tradição que, antigamente, cruzeiros como este ou em forma de Estrela de Davi eram colocados nas portas das casas dos reis e rainhas do Reinado e Juizado. Já nas Falias da Roça, o Cruzeiro de tronco de bananeira é usado como parada para a cantoria de chegada e alude ao responsável pela distribuição de alimentos no pouso. Após o cantório, o cruzeiro é arrancado para dar passagem aos foliões.				
REGISTROS	LÔBO, Tereza Caroline (2006), LOPES, Elisabeth de Pina (1990).			Nº	17 e 18
CONTATOS	Terezinha de Arruda Camargo, José Maria de Oliveira (Zuca)			Nº	60 e 112.

DENOMINAÇÃO		Ensaio dos Cavaleiros			IDENTIFICADO		30
		X SIM		NÃO			
TIPO		☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL		☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA		ÉPOCA	Período que antecede as Cavalhadas	LUGAR	Campo da Beira Rio		
DESCRIÇÃO						Nos dez dias anteriores ao início da encenação das Cavalhadas, os Cavaleiros realizam seus ensaios em um campo aberto localizado à margem direita do Rio das Almas, em frente à Ponte Dona Benta. Tradicionalmente, são acordados por um toque de caixa de couro (tambor) e dirigem-se individualmente à casa onde ocorrerá a Farofada, lauta refeição a eles oferecida antes do ensaio matutino. Após a Farofada, seguem montados para o campo, em duas filas paralelas seguindo a hierarquia dos castelos mouro e cristão: rei, embaixador e soldados. Ao final do ensaio da manhã, os cavaleiros se dispersam. No final da tarde, o ritual é alterado: os cavaleiros se encontram no campo para o ensaio vespertino; de lá, seguem perfilados para a porta da Igreja do	
		RESTARQ-0041-JGC-F01-A3-ENSAIO DOS CAVALEIROS NA BEIRA-RIO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Bonfim, para a oração de agradecimento. Em seguida, desfilam cantando pelas ruas da cidade e se dirigem à Casa do Imperador para beijar a Coroa. Mais tarde, seguem individualmente para o local onde acontecerá a Farofada da noite.				
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1974), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002).	Nº	4 e 21.		
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso (rei cristão), Antônio Roberto Machado (rei mouro)	Nº	2 e 14.		

DENOMINAÇÃO	Entrega da Coroa				IDENTIFICADO		31
					X SIM	NÃO	
TIPO	X ☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
Ocorrência	ÉPOCA	Domingo do Divino/ Corpus Christi		LUGAR	Igreja Matriz		
DESCRIÇÃO					A entrega da Coroa ao novo Imperador ocorre em dois momentos distintos. O primeiro, na noite do Domingo do Divino, quando o Imperador do ano sai de sua casa em direção à Matriz, portando a Coroa e o Cetro dentro do quadro – delimitador do espaço entre os personagens principais e demais participantes. Dentro da Matriz, o Imperador sorteado para realizar a festa do ano seguinte aguarda a cerimônia conhecida por “entrega da Coroa”. Diante do altar, o padre retira a Coroa da cabeça do Imperador atual, realiza a bênção e pede que os dois Imperadores beijem a Coroa. Em seguida, o padre coloca a Coroa na cabeça do novo Imperador, enquanto a Banda Phoênix e o Coral de Nossa Senhora do Rosário executam e cantam o Hino do Divino duas vezes, uma para cada Imperador. Em seguida ao momento solene de transferência da Coroa, grande parte dos presentes dirige-se à casa do novo Imperador que agora vai dentro do quadro e com a Coroa, junto com o Imperador atual. A Banda Phoênix segue tocando e soltam-se muitos fogos durante o trajeto. Na porta de sua casa, o novo Imperador costuma realizar um pequeno discurso de agradecimento, pedindo a participação e o auxílio de todos na festa do ano seguinte. Entretanto, a Coroa ainda permanece com o atual Imperador, que com ela se retira, porém sem participação popular.		
	 SET-1053 – ENTREGA DEFINITIVA DA COROA AO NOVO IMPERADOR FOTO: SAULO CRUZ, 2008				O segundo momento ocorre em Corpus Christi, quando o atual Imperador - acompanhado pela Banda Phoênix e pela comunidade em geral - transfere definitivamente a Coroa para o novo Imperador. Neste ano, a entrega ocorreu ao lado da Matriz, no início da Rua Direita, ainda enfeitada com o tapete de flores preparado para a procissão de Corpus Christi que ocorreria pela manhã. Muitos fogos são soltos durante o caminho. Na porta da residência, o novo Imperador novamente agradece e pede apoio para a festa que promoverá. A Banda Phoênix executa as músicas mais recorrentes durante a Festa do Divino e, assim que entra na sala principal, a Coroa é colocada sobre o altar, quando, então, se executa o Hino do Divino. Em seguida, o novo Imperador oferece salgados, doces e bebidas à comunidade, servidos com fartura.		
REGISTROS	Carlos Rodrigues Brandão (1978), Adelmo de Carvalho (2001).				Nº	6 e 7.	
CONTATOS	Adão Rosa Pires (Imperador 2008), Marcos Siqueira (Imperador 2009), Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho.				Nº	3, 70 e 90.	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Entrega das Lanças				IDENTIFICADO		32
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sexto dia de novena		LUGAR	Casa do Imperador		
DESCRIÇÃO	 Desde o primeiro dia dos ensaios das Cavalhadas, os cavaleiros utilizam lanças provisórias – varas de madeira com aproximadamente 1,5m de comprimento, com fitas vermelhas ou azuis amarradas em sua extremidade superior, dependendo do castelo ao qual o cavaleiro pertence (mouros ou cristãos). Além disso, alguns cavaleiros fazem outras marcas na extremidade inferior das varas, para que elas não se misturem. Com elas, treinam os movimentos (carreiras) que serão realizados durante a encenação das Cavalhadas. As lanças provisórias são guardadas no telhado de uma pequena construção, no campo da Beira-Rio. Na quarta-feira, sexto dia de novena, pela manhã, encerram-se os ensaios de Cavalhadas. À tarde, por volta das 17hs, os cavaleiros se reúnem e saem a cavalo para fazer o cerimonial de “entrega das lanças” ao Imperador. Os cavaleiros passeiam pelas ruas da cidade em duas filas – mouros e cristãos - com suas lanças cruzadas ao centro e vão cantando em direção à Casa do Imperador. Lá chegando, apeiam dos cavalos e são recepcionados individualmente pelo Imperador e sua esposa. Cada cavaleiro carrega sua lança em uma das mãos e, na outra, o chapéu – retirado da cabeça em sinal de respeito. Passam a lança para as mãos do Imperador e são feitos agradecimentos mútuos. O Imperador passa a lança para outra pessoa e o cavaleiro entra na Casa Imperial. Esse procedimento se repete para todos os cavaleiros, cristãos e mouros, sempre seguindo a ordem: rei, embaixador e soldados – de acordo com a posição que ocupam dentro da encenação das Cavalhadas. Terminada a cerimônia de entrega das lanças, acontece a dança da catira e cantório, seguidos, no ano de 2008, pela apresentação de um grupo de catira do município de Souzaia. Foram servidos churrasco e cerveja aos participantes. Durante toda a cerimônia, vários participantes demonstram sua devoção ao Divino, reverenciando a Coroa, disposta no altar no local da confraternização.						
REGISTROS	SILVA, Mônica Martins da (2001).				Nº	39.	
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso (rei cristão), Adão Rosa Pires, Imperador 2008 e Antônio Roberto Machado (rei mouro).				Nº	2, 3 e 14.	

DENOMINAÇÃO	Farofadas				IDENTIFICADO		33
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período dos ensaios de Cavalhadas		LUGAR	Diversos e variáveis		
DESCRIÇÃO	 As Farofadas são lutas refeições oferecidas aos cavaleiros durante o período de ensaios das Cavalhadas pela manhã, por volta das 4h e após os ensaios vespertinos, em torno das 20h. As Farofadas são promovidas pelo Imperador ou outros membros da comunidade profundamente envolvidos com os festejos do Divino, podendo ser						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	realizadas nos mais diversos lugares como residências, restaurantes, fazendas próximas e pousadas. Após a chegada da maioria dos cavaleiros ao local, o tocador da caixa de couro dá o toque de início da entrada. Os cavaleiros entram em fila cantando, enquanto dão voltas em torno da mesa onde estão os alimentos. Após as orações, são os primeiros a servir-se. A comunidade se serve em seguida. Ao final da refeição, começa a cantoria que se finaliza com o agradecimento de mesa, encerrando a farofada. O cardápio é bem variado. O arroz pode ser puro, com lingüiça, guariroba, milho, ou servido como galinhada. O feijão pode ser de caldo, tropeiro, com lingüiça ou com outras variações. As carnes – de gado, porco ou frango - podem ser cozidas, fritas ou assadas. Geralmente há outros pratos como saladas e caldos. Atualmente a presença da farinha ou farofa é pequena, mas no passado foi tão significativa que acabou por denominar o evento. A participação popular é pequena nas farofadas da madrugada; já nas noturnas, ocorre o contrário. Geralmente, os participantes, convidados ou não, possuem vínculos com os cavaleiros ou com o dono da casa. É comum, porém não indispensável, a participação do Imperador e de sua família; da mesma forma, não há problemas relacionados à ausência de um ou outro cavaleiro. RESTA0-0073-JGC-F01-A3-FAROFADA FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008		
REGISTROS	PINA, Célia Fátima de (s/d)	Nº	31.
CONTATOS	Aline Santana Lôbo Jayme, Amália Rosa de Sá Pina, Rogério Abreu Figueiredo, Tales José Jayme.	Nº	6, 8, 96 e 108.

DENOMINAÇÃO	Flores de papel				IDENTIFICADO		34
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede os festejos do Divino	LUGAR	Na casa do artesão			
DESCRIÇÃO	 RESTA0-0082-JGC-F01- A3-FLORES DE PAPEL FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008				As flores de papel estão presentes em diversos momentos da festa. Estão nos andores, nas bandeiras, nas vestimentas e montarias dos Cavaleiros e nos altares das Folias. No terceiro dia das Cavalhadas, há uma carreira em que os cavaleiros trocam flores entre si e as oferecem aos homenageados. Mas são as flores dos Mascarados as que mais justificam e destacam este ofício, pois são usadas nos cavalos e nas máscaras e são levadas nas mãos para serem oferecidas. As flores são confeccionadas com papel crepom, arame, linha e brilho. As pétalas de papel são recortadas e fixadas com linha no arame. As cores são variadas. Vários artesãos realizam este ofício.		
REGISTROS	Não constam registros.				Nº	-	
CONTATOS	Ana de Pina Siqueira, Maria Aparecida de Melo				Nº	10 e 72.	

DENOMINAÇÃO	Fogueiras				IDENTIFICADO		35
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO			☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Terceiro e nono dia da	LUGAR	Porta da Igreja do Bonfim e Lateral da Igreja Matriz	
DESCRIÇÃO	 SET-4577 – FOGUEIRAS DO REINADO NO TERCEIRO DIA DA NOVENA FOTO: SAULO CRUZ, 2008  SET-5561 – FOGUEIRA DO DIVINO NO LARGO DA MATRIZ FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008 Após o término do terceiro dia da novena e da missa que se realiza em seguida, a Banda de Couro segue da Matriz para a Igreja do Bonfim para o levantamento dos mastros e queima das fogueiras destinadas, uma à Nossa Senhora do Rosário e outra a São Benedito. As fogueiras são montadas pela Prefeitura e a madeira é doada por membros da comunidade, comprometidos por promessas ou votos de colaboração com as fogueiras. Montadas abaixo da Praça da Igreja do Bonfim, as duas possuem o mesmo tamanho e não são muito altas. Entretanto, ninguém fica observando as fogueiras, pois os participantes seguem a Banda de Couro, que desce a Rua Aurora assim que os mastros são levantados. A fogueira em homenagem ao Divino Espírito Santo é levantada na tarde do sábado seguinte, Sábado do Divino, último dia de novena. A partir de quatro madeiras encaixadas no chão, dá-se início à formação da fogueira, que tem cerca de três metros de altura. No mesmo dia, assim que terminam as celebrações dentro da Matriz, tem início a queima da fogueira, acompanhada pelo toque de sinos e levantamento do mastro, com participação da Banda Phoenix. Após a belíssima cerimônia de levantamento do mastro, os participantes seguem a Banda em direção à Beira-Rio para ver o “queima”, ponto máximo das celebrações ligadas ao Império do Divino Espírito Santo.				
REGISTROS	ALVES, Ana Claudia Lima e (2004), BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), PINA FILHO, Braz (1971), RAPOSO, Euda (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001).			Nº	1, 6, 33, 37 e 39.
CONTATOS	Geraldo Herculano Oliveira, Tales José Jaime.			Nº	40 e 108.

DENOMINAÇÃO	Fogueteiro				IDENTIFICADO		36
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	diversos festejos que compõem a Festa do Divino, através dos estrondos produzidos pelos fogos. Geralmente permanece à frente de todos os eventos, indicando o local dos festejos e marcando momentos rituais específicos. O fogueteiro dispara os tiros de roqueira pela madrugada e ao meio-dia e acompanha pelas ruas as alvoradas e os cortejos do Reinado e do Imperador. Durante a novena, anuncia o início e o fim da execução do Hino do Divino, marcando o final da novena e o início da missa, que se realiza em seguida. Cabe a ele também anunciar a entrada dos Cavaleiros no Campo e pontua os jogos de Argolinhas que acontecem no terceiro e último dia das Cavalhadas. No passado, cabia aos fogueteiros a organização do queima realizado no Sábado do Divino. Muitos deles conheciam todo o processo de produção dos fogos, desde a fabricação da pólvora. SET-0667 – LUIZ DO LORO, FOGUETEIRO FOTO: SAULO CRUZ, 2008		
REGISTROS	LÔBO, Tereza Caroline (2006)	Nº	17.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, André Abadias de Fontes, Cirilo Rodrigues Vidal, Luiz do Loro, Milton Pereira da Silva.	Nº	3, 12, 23, 66 e 85.

DENOMINAÇÃO	Folias do Divino Espírito Santo				IDENTIFICADO		37
					X SIM	NÃO	
TIPO	X ☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Quinze dias antes do Domingo do Divino.	LUGAR	Na zona rural, em fazendas pré-determinadas, de acordo com o número de pousos. Na área urbana, em casas previamente selecionadas.			
DESCRIÇÃO	A Folia, ritual de peditório de esmolas para a realização da Festa do Divino, percorre um roteiro pré-determinado, realizando o que se chama de “Giro da Folia”. Nas Folias rurais, os foliões montados a cavalo visitam fazendas e povoados. Na área urbana, os foliões fazem o “giro” a pé. São festejos com significativa participação popular, não havendo distinção de classes. No passado, havia várias Folias; hoje são realizadas três, sendo a chamada “Folia do Padre” a primeira a sair. As outras duas – a Folia da Roça ou do Seu Otávio¹ e a Folia da Cidade – ocorrem simultaneamente. Estas Folias apresentam uma estrutura semelhante – “junta”, giro e chegada – sendo que cada momento tem seus rituais e cantorias pertinentes. A Folia da Roça, por exemplo, parte da casa						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	onde morava Seu Otávio, na Rua do Rosário, onde é realizado o “junta”. De lá, os foliões (homens, em sua maioria) seguem a cavalo para o primeiro pouso. Chegando à fazenda, seguem sempre as mesmas práticas rituais: o pedido de pouso, a cavalgada em “S” na frente da casa, o recebimento da Bandeira pelo proprietário, o ritual da procura do presente (normalmente uma garrafa de pinga), cantoria no altar, dança do Chá, catira, repentis, jantar, agradecimentos da mesa, peditório (pedido de esmolas) e agradecimentos. Em seguida, tem início o “bailão”, que reúne grande número de participantes, dentre eles, “os foliões de atalho”, que participam das Foliás apenas nesses momentos. Ao amanhecer, os foliões realizam a Alvorada, seguida pelo café-da-manhã e orações. Após o almoço, os foliões seguem para o próximo pouso. Os caminhos percorridos pelas Foliás não podem se cruzar e giram sempre da esquerda para a direita; os alferes vão à frente, carregando as Bandeiras. O “giro” dura por volta de sete a oito dias, chegando à cidade no domingo anterior ao Domingo de Pentecostes. A “Folia do Padre” foi criada na década de 1990 e, em comparação com a Folia da Roça, tem um número de participantes reduzido, sendo basicamente composta por homens que freqüentam a Igreja. A Folia da Cidade é composta por foliões vindo de outros municípios como Vila Propício e Corumbá de Goiás e congrega moradores de baixa renda, de bairros periféricos como Alto do Bonfim, Alto da Lapa e Alto do Carmo. (1) – “Na casa de número 27 da Rua do Rosário, local onde até hoje se realiza o ‘junta’ da Folia da Roça morava o finado Seu Otávio Francisco de Moraes, nascido em 1922, homem que, durante mais de 60 anos, dedicou sua vida à Folia do Divino de Pirenópolis. Nela exerceu as mais diversas funções, de tropeiro a músico, depois embaixador, até chegar a alferes, o posto mais alto na hierarquia do grupo” (Veiga, 2002, p.33). Otávio de Moraes faleceu em 1994, minutos após entregar as Bandeiras da Folia ao Imperador, fato registrado pelo programa Globo Rural – Reportagem especial sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis - Prêmio melhor reportagem em 1994 (Carvalho, 2002, p.199).		
REGISTROS	CARVALHO, Adelmo de (2001), SILVA, Mônica Martins da (2001), VEIGA, Felipe Berocan (2002) Globo Rural – Reportagem especial sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis. Rede Globo – 1994.	Nº	7, 39 e 44
CONTATOS	José Divino Pereira, Luiz Pereira da Silva, Roque Alves Fontes (Alferes da Folia da Roça), Terezinha de Arruda Camargo, Uirá Ayer.	Nº	56, 67, 99, 112 e 113.

DENOMINAÇÃO	Hino do Divino				IDENTIFICADO		38	
					X SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino/outras	LUGAR	vários				
DESCRIÇÃO					O Hino do Divino foi composto por <i>Tonico do Padre</i> em 1899 e, desde então, é referência obrigatória não só da Festa do Divino, como também em grandes eventos locais. O Hino é executado ao final das novenas e nas missas do Divino, na abertura das Cavalhadas, nas Alvoradas e constantemente na Casa do Imperador. A letra é simples e conhecida por praticamente todos os pirenopolinos, que o cantam com extremo respeito e grande emoção: <i>Vinde, ó, divino espírito Consolador, descei sobre nós Para dar-nos riquezas Do vosso amor.</i> Antonio da Costa Nascimento (1834-1903), o Tonico do Padre, foi Imperador do Divino em			
	RESTARQ-0018-JGC-F01-A3 – BANDA PHOENIX EXECUTANDO O HINO DO DIVINO NA SALA DO ALTAR DA COROA, NA CASA DO IMPERADOR FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	1923 e prefeito da então Meia Ponte em 1927. Pintor e compositor, dirigiu a Banda Euterpe – antiga rival da Banda Phoenix – de 1861 a 1903.				
REGISTROS	MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de (1981), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1986)	Nº	24 e 32.		
CONTATOS	Alexandre Pompêo de Pina; músicos da Banda Phoenix	Nº	5.		

DENOMINAÇÃO	Largo da Matriz				IDENTIFICADO		40
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO X ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Largo da Matriz			
DESCRIÇÃO					Surge a partir da construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em 1728, de estilo colonial, sendo, até 1956, palco tradicional das Cavalhadas, durante as Festas do Divino. O Largo da Matriz é considerado o marco zero da cidade, centro de referência para a população local e, também, ponto turístico e de lazer da cidade de Pirenópolis. Com aproximadamente 15.652,00 m², constitui um conjunto arquitetônico e paisagístico formado por edificações e jardins, que foram sendo incorporados ao Largo em tempos distintos, marcando a sua evolução. As festividades relativas ao Divino Espírito Santo – “sagradas ou profanas” - acontecem tanto no interior da igreja, (novena, missas, sorteios, bênção, coroações) quanto em seu entorno (tocatas, levantamento de mastro, queima de fogueira, procissões) e adjacências (chegada e saída da Folia do Padre, no Salão Paroquial, Pastorinhas e Operetas no Theatro Pyrenopolis e Praça e Bar Central, reduto dos Cavaleiros). Durante a festa, o Largo é ornamentado com bandeirolas brancas e vermelhas. No altar-mor da Igreja Matriz é montado um trono para que o Imperador assista as celebrações ali realizadas.		
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004), BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CARVALHO, Adelmo de (2001), JAYME, Jarbas, JAIME, José Sizenando (2002), JAYME, Jarbas (1971), FERREZ, G, (1981), Paróquia Nossa Senhora do Rosário (2008), 14ªCR/IPHAN				Nº	1, 6, 7, 13, 14, 59, 76 e 129.	
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Alaor Siqueira, Alexandre Pompêo de Pina, Arnaldo Peixoto de Oliveira, Benedita D'Abadia Lopes Siqueira, Benedito da Luz Sobrinho, Celso José do Nascimento, Celso Ricardo do Nascimento, Duílio Pompeu de Pina, Eduardo Tadeu do Nascimento, Inésia Pirene de Oliveira, João Guilherme da Trindade Curado, Padre Joel Alves de Oliveira, Laurita Vitoriano da Veiga, Luiz Pereira da Silva, Maria da Veiga Oliveira, Maria José Rosa Pires, Maura Fleury, Nilse Jacinto da Silva, Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho, Pompeu Christóvam de Pina, Raquel Vitória Veiga Camargo, Sebastião da Veiga, Sebastião Profeta do Amaral, Selma d'Abadia de Oliveira, Tereza Caroline Lôbo, Valdo Lúcio Cardozo, Wilno Luiz Pompeu de Pina.				Nº	3, 4, 5, 15, 17, 18, 21, 22, 33, 34, 48, 52, 55, 62, 67, 74, 77, 83, 89, 90, 93, 95, 101, 102, 104, 111, 114 e 120.	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Largo do Bonfim				IDENTIFICADO		40
	X ☐ SIM		☐ NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO X ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Largo do Bonfim/Porta do Bonfim			
DESCRIÇÃO	 O Largo do Bonfim surge a partir da construção da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim (entre 1750 e 1754), em um dos pontos mais elevados do arraial, no antigo caminho que levava à Bahia. Com 352 m² de área construída e estilo genuinamente colonial - tem a sua fachada voltada para a Igreja Matriz, como todas as outras igrejas do lugar. Desde então, a Igreja do Bonfim constitui-se em referência religiosa, devocional e cultural para a comunidade pirenopolina. Durante a Festa do Divino, os cavaleiros fazem seus agradecimentos diante da Igreja do Bonfim, após os ensaios. Durante as Cavalhadas, antes de seguirem para o Campo, vão até o Largo e, montados em seus cavalos, rezam para pedir proteção durante a batalha. No último dia da encenação, seguem “engrazados” para a porta do Bonfim para a tradicional descarga das armas. A Igreja do Bonfim também é o lugar de realização das missas do Reinado e do Juizado – na segunda e terça-feira seguintes ao Domingo do Divino, desde a demolição da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na década de 1940.						
REGISTROS	CARVALHO, Adelmo de (2001), JAYME, Jarbas, JAIME, José Sizenando (2002), JAYME, Jarbas (1971), ETZEL, Eduardo, (1974), LÔBO, Tereza Caroline (2006), Paróquia Nossa Senhora do Rosário (2008), Relatório das Obras de Restauro da Igreja do Bonfim (s/d)				Nº	7, 13, 14, 58, 17, 76 e 130.	
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso, Antônio Roberto Machado, Eustak Figueiredo, Geraldo Herculano Oliveira, João Guilherme da Trindade Curado, José Maria de Oliveira, Laurita Vitoriano da Veiga, Manoel Inácio D'Abadia Aquino de Sá Filho, Nelma Conceição de Siqueira, Neusa Yoko Dehira Aquino de Sá, Pompeu Christóvam de Pina, Randolpho Carmo de Sá, Sebastião da Veiga, Sebastião Profeta do Amaral, Tereza Caroline Lôbo, Terezinha de Arruda Camargo.				No	2, 14, 38, 40, 52, 60, 62, 69, 87, 88, 93, 94, 101, 102, 111 e 112.	

DENOMINAÇÃO	Imperador do Divino				IDENTIFICADO		41
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede e durante a Festa do Divino	LUGAR	Diversos			
DESCRIÇÃO					Figura central da Festa do Divino, o Imperador, também chamado de Festeiro, é responsável pela execução da Festa e figura		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	indispensável em grande parte dos rituais. Em sua casa monta-se o altar da Coroa, procurada pelos devotos durante todo o ano imperial. A Casa do Imperador é espaço aberto à comunidade e ponto de convergência durante todo o período da festa. Cabe ao Imperador enfeitar a Igreja durante a festa, preparar andores e esticar bandeiras no trajeto que une a Casa do Imperador à Matriz. O Imperador mantém responsabilidades rituais com os cavaleiros, as Folias e a Banda Phoenix, recebendo-os em várias solenidades. Também é sua obrigação preparar as verônicas e pãezinhos do Divino, distribuídos no Domingo de Pentecostes. O Imperador também é responsável pelas indispensáveis roqueiras (ou tiros de toco), que marcam momentos basilares da Festa. No Sábado do Divino, a queima de fogos, ponto máximo dos festejos, também é promovida pelo Imperador. RESTAUR-0020-JGC-F01-ADÃO ROSA PIRES, IMPERADOR 2008 FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO		
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), PINA FILHO, Braz (1971), RAPOSO, Euda (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001).	Nº	6, 21, 33, 37 e 39.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Imperador 2008 e demais Imperadores.	Nº	3.

DENOMINAÇÃO	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário				IDENTIFICADO		42
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Meados do século XVIII até a década de 1990	LUGAR	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Igreja do Bonfim e casa do provedor, no Bairro do Bonfim			
DESCRIÇÃO	Irmandade autorizada pela Provisão de 22/12/1742 - Livro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, 1758 - foi responsável direta pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, entre os anos de 1743 e 1757, sendo sustentada por doações de seus membros que pagavam para participar da confraria. A Irmandade era responsável pela manutenção e organização das atividades na Igreja de Nossa Senhora dos Pretos – demolida na década de 1940 –, entre elas o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Para compor a hierarquia do festejo, ou seja, ser Rei, Rainha, Juiz ou Juíza, os candidatos tinham que ser aprovados pela mesa diretora da Irmandade e pagar em ouro as chamadas “jóias” à santa homenageada; o valor do pagamento era determinado pelo grau da hierarquia ocupado pelo candidato dentro da confraria. Esses participantes adquiriam ainda o direito a um funeral como o dos brancos, podendo ser enterrados dentro da Igreja. Seus principais integrantes eram negros, forros e escravos e, mais tarde, os “pobres” da cidade. Embora anterior à Irmandade de São Benedito, atuava junto com ela, formando uma associação						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	corporativa em que a solidariedade fundava-se na convivência entre matrizes culturais diversas, representando os diferentes grupos sociais presentes. Regulada por critérios étnicos, a Irmandade funcionava como meio de afirmação cultural, servindo como aliança interétnica dentro da comunidade local. Entretanto, no decurso do tempo, o particularismo étnico cedeu lugar a outros critérios, como o tempo de serviço prestado à Irmandade e a descendência familiar no que se refere ao envolvimento com a confraria e seus festejos. Com o fim da mineração e a diminuição do número de negros na cidade, a Irmandade foi perdendo seu vigor, modificando seus integrantes e alterando a organização do Reinado, que passa a ser organizado por brancos pobres e mestiços que se incluíam no ritual para pagar voto válido à santa. Desde a década de 1990, a Irmandade não se reúne, porém mantém-se o Reinado, que continua a acontecer desvinculado da estrutura organizacional da confraria, aumentando, a cada ano, o número de participantes.				
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CURADO, João Guilherme, LÔBO, Tereza Caroline (2004), LÔBO, Tereza Caroline, (2006), LOPES, Elisabeth de Pina, (1990), PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins da, (2001).	Nº	6, 10, 17, 18, 28 e 39.		
CONTATOS	Geraldo Herculano de Oliveira, Laurita Vitoriano da Veiga, Pompeu Christóvam de Pina, Sebastião Profeta do Amaral (Bastião de Chica)	Nº	40, 62, 93 e 102.		

DENOMINAÇÃO	Irmandade de São Benedito				IDENTIFICADO		43
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Início do século XIX até década de 1990	LUGAR	Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Igreja do Bonfim e casa do provedor, no Bairro do Bonfim			
DESCRIÇÃO	Confraria autorizada por Termo de Compromisso de 1811, cujos membros, em sua maioria, eram negros, forros e escravos. Dividia com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos espaços de atuação dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, hoje demolida. Cabiam aos irmãos associados diversas tarefas, tais como: arrecadação de fundos, financiamento de funerais, manutenção do templo, pagamento de serviços prestados e, dentre outras, a organização de festas como o Juizado de São Benedito. A cada ano se renovavam, por meio de eleição, os integrantes da mesa diretora da confraria que decidia os juizes, oficiais e empregados que serviriam no Juizado daquele ano. Essa irmandade foi gradativamente perdendo seu poder de atuação e encontra-se desativada; entretanto, o Juizado e a crença em São Benedito continuam sendo vivenciados pelas famílias locais. O Juizado de São Benedito é um dos festejos que integram a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, congregando participantes de diversas classes sociais.						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CURADO, João Guilherme, LÔBO, Tereza Caroline (2004), LÔBO, Tereza Caroline (2006), LOPES, Elisabeth de Pina (1990), PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins da (2001)				Nº	6, 10, 17, 18, 28 e 39	
CONTATOS	Geraldo Herculano de Oliveira, Laurita Vitoriano da Veiga, Pompeu Christóvam de Pina, Sebastião Profeta do Amaral (Bastião de Chica).				Nº	40, 62, 93 e 102.	

DENOMINAÇÃO	Irmandade do Santíssimo Sacramento				IDENTIFICADO	44
					X SIM	NÃO
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONDIÇÃO ATUAL		X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO		☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA	
OCORRÊNCIA		ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Igreja Matriz		
DESCRIÇÃO					A Irmandade do Santíssimo Sacramento de Pirenópolis é uma das mais antigas Irmandades de Goiás. Sua estrutura básica está centrada na figura do provedor, um dos membros escolhidos dentre os demais para representar o grupo. Nas procissões e eventos em que participam, o provedor se destaca por segurar uma vara de prata com o símbolo do Divino. Os irmãos, como são conhecidos, têm inúmeras obrigações religiosas durante o ano: participar das procissões e das missas dominicais, além de outras cerimônias solenes. No passado, a comunidade pirenopolina era toda organizada em Irmandades e era comum que uma pessoa estivesse ligada a mais de uma. Em Pirenópolis, a Irmandade do Santíssimo Sacramento já foi tida como elitista e segregadora, porém hoje não apresenta mais tais características. Durante a Festa do Divino, há intensa atuação da Irmandade nas atividades realizadas dentro da Igreja, que participam da cerimônia de entrada e saída do padre e do Imperador. A eles são reservados os primeiros bancos no altar-mor da Matriz, de onde assistem às novenas e missas portando velas acesas. Atuam na cerimônia de levantamento do mastro, no Sábado do Divino e no sorteio do novo Imperador, no Domingo de Pentecostes.		
REGISTROS		BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), JAYME, Jarbas (1971).			Nº	6 e 14.	
CONTATOS		Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho, Pompeu Christóvam de Pina e outros membros da Irmandade.			Nº	90 e 93.	

DENOMINAÇÃO	Levantamento do(s) Mastro(s)				IDENTIFICADO		45
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	3º. Dia da Novena (Bandeiras do Reinado) Sábado do Divino (Bandeira do Divino)	LUGAR	Largo do Bonfim e Praça da Matriz			
DESCRIÇÃO				Após o terceiro dia de novena, acontece o levantamento dos mastros de Nossa Senhora do			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Rosário dos Pretos e de São Benedito na porta da Igreja do Bonfim. No Sábado do Divino, após a missa, tem início o levantamento do mastro na praça em frente à Igreja Matriz. A Bandeira do Divino é carregada para fora da Igreja pelos Irmãos do Santíssimo e colocada em uma das extremidades do mastro pelo próprio Imperador. O mastro vai sendo habilmente levantado por varas de madeira com pontas diversas como ferrão, forquilha e tesoura, além de duas varas com cordas amarradas na extremidade que, além de auxiliar no levantamento, servem de apoio para a subida do mastro. O mastro, feito de um tronco de eucalipto, tem cerca de 23m de altura e pertence à Igreja. Durante a cerimônia, a Banda Phoenix executa músicas e o sino da Matriz é tocado. Dizem que após o término do levantamento, o lado para o qual a bandeira vira indica a direção em que mora o futuro Imperador, que será sorteado na manhã seguinte. Os mastros do Reinado e do Divino são retirados na quinta-feira de Corpus Christi, de modo discreto e sem público. RESTAQU-0009-JGC-F01-A3 - LEVANTAMENTO DOS MASTROS DO REINADO NA IGREJA DO BONFIM FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008 SET-5542 – LEVANTAMENTO DO MASTRO DO DIVINO NO LARGO DA MATRIZ FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008		
REGISTROS	ALVES, Ana Claudia Lima e (2004), PEREIRA, Niomar de Souza Pereira e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), RAPOSO, Euda (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001).	Nº	1, 28, 37 e 39.
CONTATOS	Sebastião da Veiga, Zely Barbosa.	Nº	101 e 121.

DENOMINAÇÃO	Mascarados				IDENTIFICADO		46
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO X ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Ruas da cidade e Campo das Cavalhadas			
DESCRIÇÃO					Usam roupas coloridas e máscaras com caras de gente, capeta, unicórnio, monstros e animais, sendo as mais tradicionais as de onça e de boi, a qual é hoje um símbolo da cidade. As máscaras são confeccionadas em papel pelos artesãos locais e enfeitadas com flores de papel crepom. Os mascarados saem a pé ou a cavalo e participam ativamente das festividades, desfilando pelas ruas, dançando nos ranchões e entrando no campo das Cavalhadas em momentos pré-determinados. A primeira aparição dos mascarados ocorre no Sábado do Divino, ao meio-dia, durante o repique de sinos na Matriz. Apresentam-se nas mais variadas vestimentas que vão das mais sofisticadas às mais simples e improvisadas. São divertidos e alegres e estimulam a curiosidade em torno de suas identidades. Os mascarados a pé saem geralmente em maior número na segunda-feira seguinte ao Domingo do Divino (segundo dia de Cavalhadas) e apresentam cartazes com manifestações ou provocações a políticos e pessoas influentes.		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

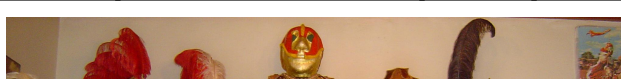
	Sair de mascarado já foi uma atividade masculina; hoje, entretanto, é grande a participação de mulheres e crianças. Alguns grupos de mascarados são recorrentes e agregam vários participantes como: Maromba, Catulé, Índios, os Pastorinhas etc. Não existem registros oficiais referentes ao momento de inserção dos mascarados na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.				
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004), MAIA, Carlos Eduardo Santos (2002), PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), RAPOSO, Euda da Silva (1997), SILVA, Mônica Martins da (2001).			Nº	1, 21, 28, 37 e 39.
CONTATOS	Pompeu Chistóvam de Pina, Telma Lopes Machado.			Nº	93 e 110.

DENOMINAÇÃO	Máscaras				IDENTIFICADO		47
	X SIM		NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Casas dos artesãos ou “mascareiros”.			
DESCRIÇÃO	 As máscaras de boi são símbolos da cidade e ícones da cultura local. As máscaras são confeccionadas em papel, água e grude (cola resultante da mistura de água e polvilho). São moldadas em fôrmas de cimento com caras de gente, capeta, unicórnio, monstros e animais, sendo que as mais tradicionais são as de onça e as de boi. A arte consiste em cobrir a fôrma de cimento com uma ou duas camadas de papel cortado, molhado em água. As três camadas seguintes são fixadas com papel umedecido em grude e secas ao sol por pelo menos um dia. São pintadas em diversas cores e enfeitadas com flores de papel, de acordo com a encomenda. Antes de usá-las é necessário cobrir o rosto com um tecido – uma outra máscara – para maior conforto e resguardo da identidade. A máscara é perfurada, possibilitando alguma visibilidade e respiração. Atualmente é comum o uso de máscaras de borracha industrializadas por serem mais confortáveis e de baixo custo, o que vem incentivando a realização de concursos com o objetivo de valorizar e manter a tradição do uso das máscaras de papel. SET-8141 – MÁSCARA DE BOI EM FASE DE PINTURA FOTO: SAULO CRUZ, 2008						
REGISTROS	ALVES, Ana Cláudia Lima e (2004)				Nº	1	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Esmeralda Arlinda Ferreira da Costa, João Luiz Pompeu de Pina Lúcio Flávio Abrantes, Lunildes Oliveira Abreu, Maria Delma de Melo, Maria de Lourdes Oliveira.	Nº	37, 53, 63, 68, 75 e 76.
-----------------	---	-----------	--------------------------

DENOMINAÇÃO	Missa do Divino				IDENTIFICADO		48
	X ☐ CELEBRAÇÃO		☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO		☐ MEMÓRIA		☐ RUÍNA		
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Domingo do Divino	LUGAR	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário			
DESCRIÇÃO	 A concorrida Missa do Divino tem início às 9h do Domingo de Pentecostes, com a entrada solene do cortejo formado pelos Irmãos do Santíssimo e alguns participantes do Cortejo Imperial que conduziu o Imperador à Igreja Matriz. A missa segue a liturgia do dia, mas é diferenciada por orações e pela presença constante de intervenções do Coral de Nossa Senhora do Rosário e da Banda Phoenix. As músicas fazem parte de um repertório chamado “Missa do Divino” e são diferentes das cantadas durante a novena. Ao final da missa, toca-se o Hino do Divino e é iniciado o sorteio do novo Imperador. SET-6754 – MISSA DO DIVINO, NO DOMINGO DE PENTECOSTES. FOTO: SAULO CRUZ, 2008						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978)				Nº	6.	
CONTATOS	Eduardo Tadeu do Nascimento, Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho e Padre Joel Alves de Oliveira.				Nº	34, 55 e 90.	

DENOMINAÇÃO	Museu das Cavalhadas				IDENTIFICADO		49
	☐ CELEBRAÇÃO		☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ X VIGENTE / ÍNTEGRO		☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	permanente	LUGAR	Rua Direita, 39 – Centro Histórico			
DESCRIÇÃO					O Museu das Cavalhadas está situado na Rua Direita nº 39 – Centro. Partiu da		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	iniciativa da poetisa Maria Eunice Pereira e Pina. Maria Eunice teve dois filhos que correram Cavalhadas por mais de 25 anos, e foi nesta época que teve a idéia de reunir um acervo que contasse a história das Cavalhadas, manifestação popular que se realiza a cada Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis. O Museu das Cavalhadas possui rico acervo de objetos utilizados pelos cavaleiros durante a encenação das Cavalhadas. Conta, também com importante conjunto documental e fotográfico. É uma referência para pesquisadores desta festa popular. Atualmente o acervo passou por uma organização patrocinada pela Petrobras. MUSEU DAS CAVALHADAS EM PIRENÓPOLIS FONTE: WWW.PICASAINEB.COM RESTAQR-0003-JGC-F01-A3 – MUSEU DAS CAVALHADAS FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008.		
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1974), CARVALHO, Adelmo (2001), PINA, Célia Fátima de (s/d)	Nº	6, 7 e 31
CONTATOS	Célia de Fátima Pina	Nº	19

DENOMINAÇÃO	Novena do Divino				IDENTIFICADO		50
					X SIM	NÃO	
TIPO	X ☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Nove dias que antecedem o Domingo de Pentecostes	LUGAR	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário			
DESCRIÇÃO	 SET-5475 - ÚLTIMO DIA DA NOVENA DO DIVINO, QUANDO HÁ A BENÇÃO DA BANDEIRA FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008 O Imperador e sua esposa ocupam um trono especialmente preparado para a ocasião, à esquerda do altar mor. A novena em si é basicamente cantada pelo Coral de Nossa Senhora do Rosário acompanhada pela orquestra composta por integrantes da Banda Phoenix e pelos violinistas Ita e Alaor Siqueira e regência de Alexandre Pompêo de Pina, regente da Banda e do Coral. A maioria dos cânticos é em latim, e os presentes conhecem o repertório de cor. O encerramento da novena se dá quando se ouve um tiro de roqueira e o Coral e a Banda executam o Hino do Divino, seguido de fogos. Posteriormente ocorre a missa – que segue a liturgia comum - com público menor do que o da novena. Ao final da celebração, ouvem-se os toques da Banda de Couro que percorre algumas ruas da cidade enquanto a população segue para a “Barraquinha do Padre”.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), SILVA, Mônica Martins da (2001), Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (2008).	Nº	6, 33, 39, 76.
CONTATOS	Padre Joel Alves de Oliveira, Padre Oscar Vasconcelos de Souza Filho, Pompeu Christóvam de Pina, Selma D'Abadia Oliveira, Ita e Alaor Siqueira.	Nº	55, 90, 93, 104, 17 e 4.

DENOMINAÇÃO	O Divino				IDENTIFICADO		51
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Casas, ruas e igrejas; uniforme da Folia da Roça; altares da Folia do Padre; devotos.			

DESCRIÇÃO	 RESTARQ-0021-JGC-F01-A3 – A ARTESÃ NATÁLIA SIQUEIRA SEGURA A POMBA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008  SET-3760 – DETALHE DA COROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO FOTO: SAULO CRUZ, 2008 Símbolo maior da festa, o Divino é representado por uma pomba branca, associada ao relato da descida do Espírito Santo sobre Jesus, após seu batismo no Rio Jordão. Outros relatos descrevem o Espírito Santo descendo sobre os apóstolos, em Pentecostes, na forma de vento e línguas de fogo, as quais representam os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus. No cume da Coroa do Imperador, toda em prata, há um Divino de ouro que é tocado pelos fiéis em busca de proteção e como sinal de devoção. O Divino é representado de inúmeras formas, durante os festejos: é o símbolo maior carregado entre os pousos, na Folia do Padre, sendo depositado no altar junto com as Bandeiras; está presente nos altares do Império e das Folias, como também nas Bandeiras dos alferes, nas três Folias (da Roça, do Padre e da Cidade), nas inúmeras Bandeiras usadas nos cortejos do Império, na Bandeira do Mastro e na decoração da Casa do Imperador; é usado como distintivo no chapéu dos foliões da Rua ou na lapela dos foliões da Roça; é a peça principal do andor da Procissão do Divino, no Domingo de Pentecostes. O Divino é estampado em camisetas, folders e cartazes da festa. É tema de grande devoção popular e de inspiração para o artesanato local.					
REGISTROS	Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (2008).				Nº	76
CONTATOS	Lunildes de Oliveira Abreu e Marta Eniza de Oliveira Lôbo				Nº	68 e 82.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Operetas (Drama)				IDENTIFICADO		52
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Theatro Pyrenopolis			
DESCRIÇÃO	É tradição afirmar que um bom Imperador “leva” peças de teatro, além de “As Pastorinhas”, o que fica evidenciado pelas programações da Festa do Divino, desde as mais antigas, que contam com encenações teatrais, muitas delas recorrentes. Os “dramas”, como ficaram conhecidos, podem ser “Operetas”, bastante comuns ainda hoje. Neste ano a Companhia de Theatro de Pirenópolis encenou “Recital Operetas”, com trechos de textos e músicas de “Anfitrião e Alcmena” e “Guerra do Alecrim e Manjerona” (ambas de autoria de Antônio José da Silva – O Judeu), com direção, cenário e figurinos de Demétrio Pompeu de Pina, diretor do Theatro Pyrenopolis. RESTAUR - 0076 – JGC-F01-03 -RECITAL OPERETAS FOTO: JOÃO GUILHERME, 2008 RESTAUR - 0077 – JGC-F01-03 -RECITAL OPERETAS FOTO: JOÃO GUILHERME, 2008						
REGISTROS	JAYME, Jarbas (1971), MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de (1981), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), SILVA, Mônica Martins da (2001), SOUZA, Ana Guiomar Rego (1998).				Nº	14, 24, 33, 39 e 43.	
CONTATOS	Alaor de Siqueira, Benedita D'Abadia Lopes Siqueira, Demétrio Pompeu de Pina, Natália de Siqueira.				Nº	4, 17, 29 e 86.	

DENOMINAÇÃO	Produção de Pólvora				IDENTIFICADO		53
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	A partir de abril, quando cessam as chuvas.	LUGAR	Parque de Exposições Agropecuárias “Luciano Lopes Machado”, na saída para Goianésia.			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DESCRIÇÃO	 É um ofício antigo ligado às festividades locais que consiste na produção da pólvora usada nos tradicionais tiros de toco, também conhecidos por “ronqueiras”. A pólvora é colocada no toco especialmente preparado para produzir um tiro forte que lembra o canhão. A qualidade dada ao estrondo está ligada ao tipo de pólvora que é produzido, uma vez que a feitura da mesma está diretamente relacionada ao clima: o tempo seco dá uma pólvora seca e estrondo satisfatório. A pólvora é resultante da mistura de salitre (nitrato de prata), enxofre e carvão triturado. O carvão é produzido a partir da madeira da macaúba, um arbusto que nasce nas áreas de pastagem que margeiam os rios na região. O salitre é cozido em água até alcançar uma consistência pastosa, sendo, então, misturado ao carvão molhado e ao enxofre num pilão de madeira onde são socados. Esta pasta molhada é levada ao sol por pelo menos um dia para secagem. Os artesãos dedicam tempo integral ao ofício, que vai desde a seleção das árvores para o carvão, passando pelo cozimento do salitre, mistura dos ingredientes e secagem. Todo processo é altamente produção da pólvora é realizada sendo inúmeros os relatos de feito da pólvora envolve Cavalhadas, Chico Pedruca e encarrega da compra dos autorização especial. São de mil quilos de pólvora que são Divino e em outras festividades no				
	 inflamável, por isso a em lugar afastado da cidade acidentes. A realização do atualmente dois cavaleiros das André, e a prefeitura que se ingredientes que exige produzidas anualmente mais utilizadas nos festejos do município. SET – 0468 – SELEÇÃO DA MADEIRA PARA O CARVÃO Foto: SAULO CRUZ, 2008				
REGISTROS	PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978).	Nº	28.		
CONTATOS	André Abadia de Fontes, Cirilo Rodrigues Vidal (Chico Pedruca), José Inácio Nascimento (Zé Inácio Santeiro)	Nº	12, 23 e 58.		

DENOMINAÇÃO	Procissão do Divino				IDENTIFICADO		54
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Domingo do Divino	LUGAR	Da Casa do Imperador à Igreja Matriz e da Matriz à Casa do Imperador.			
DESCRIÇÃO				O Cortejo Imperial tem início às 8h00 do Domingo do Divino, quando a Banda Phoenix vai até à Casa			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	do Imperador e o conduz até a Matriz, para participar da missa solene e do sorteio do novo Imperador. Após o sorteio, em torno das 11h00, a Banda conduz novamente o Imperador até a Casa Imperial, quando, então, são distribuídas as famosas verônicas. Nestes dois trajetos, normalmente as Bandeiras do Divino vão abrindo caminho, seguidas pelas virgens – meninas vestidas de branco e com grinaldas -, pelo andor com uma grande Coroa do Divino e por quatro meninas vestidas de dama-de-honra, que vão segurando o quadro (quatro varas de madeira pintadas de vermelho), onde seguem o Imperador e seus familiares, seguidos pela Banda. O trajeto é alterado a cada ano, de acordo com a localização da Casa do Imperador. Na véspera, de madrugada, todo o percurso é enfeitado com bandeirolas intercaladas de papel de seda branco e vermelho.		
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CARVALHO, Adelmo (2001), PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978).	Nº	6, 7 e 28.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Maria José Rosa Pires.	Nº	3 e 77.

DENOMINAÇÃO	Queima				IDENTIFICADO		55
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábado do Divino	LUGAR	Beira-Rio (Rio das Almas)			
DESCRIÇÃO				O “queima”, como é conhecido, consiste de uma grande queima de fogos, realizada na noite do Sábado do Divino, após a cerimônia de levantamento do mastro e queima da fogueira no Largo da Matriz. A Banda Phoenix segue da Matriz em direção à Beira Rio, acompanhada pela multidão. Lá chegando, as luzes se apagam e inicia-se o “queima”, que é finalizado com o lançamento de roqueiras ou tiros de toco. O “queima”, ponto máximo dos festejos do Império, é responsabilidade do Imperador e é interpretado pela comunidade como expressão do prestígio do Imperador.			
				Tradicionalmente, os queimas se caracterizavam mais pelo barulho dos fogos e dos tiros de toco do que pelos fogos de artifício. Há cerca de 10 anos, o público também aprecia o espetáculo das roqueiras fechando o céu.			
SET-8716 – PÚBLICO APRECIA O “QUEIMA” FOTO: SAULO CRUZ, 2008							

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins da (2001).	Nº	6, 28 e 39.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Duílio Pompeu de Pina, Christóvam Pompeu de Pina, outros Imperadores.	Nº	3, 33, 93.

DENOMINAÇÃO	Reinado ou “Festa dos Pretos”				IDENTIFICADO		56
					SIM	NÃO	
TIPO	X ☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Segundo e terceiro dia das Cavalhadas	LUGAR	Casa dos Reis e Rainhas; Igreja e Ruas			
DESCRIÇÃO	 O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, ou simplesmente Reinado, é realizado desde o século XVIII por Irmandades que congregavam negros, escravos e forros, tendo sido há mais de um século incorporado aos festejos do Divino. Os partícipes não a percebem como duas festividades e, sim, como uma festa que se realiza em dois dias: segunda-feira dedicada à Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e terça-feira a São Benedito. No domingo que antecede o Domingo de Pentecostes, há o ritual de bênção das Bandeiras, durante a missa realizada após a novena do Divino, na Matriz, seguido pelo levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito e a queima das fogueiras no Largo do Bonfim. Na manhã do segundo e terceiro dia das Cavalhadas tem-se os cortejos, as missas e a farta distribuição de “doces” (salgados e/ou doces de frutas) e bebidas. Tudo isso acompanhado pelas bandeiras dos Santos homenageados, as insígnias (coroas de prata, quadros, prato do andador e as varas de madeira e prata dos juizes), Banda de Couro, Banda de Música Phoenix, Congada, Congos e os acompanhantes, devotos ou não. Na segunda-feira, o cortejo sai da residência do Juiz e da Juíza de São Benedito, segue para a residência do Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e vai em direção à Igreja do Bonfim, para a realização da missa. Em seguida, o cortejo volta para a casa do Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde entre músicas e orações, há a distribuição de comida e bebida aos participantes. No dia seguinte, o cortejo se inicia na casa do Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário, segue para a casa do Juiz e Juíza de São Benedito, segue em direção à igreja para a missa e volta para a casa do Juiz e Juíza de São Benedito, onde se repetem as músicas e a distribuição de doces. Seu ritual, portanto, está estruturado em três momentos associados a espaços diferentes: as casas do Rei, Rainha, Juiz e Juíza, as ruas por onde passam os cortejos e a Igreja.						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), CURADO, João Guilherme e LÔBO, Tereza Caroline (2004), LÔBO, Tereza Caroline (2006), PEREIRA, Niomar de Souza e JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), SILVA, Mônica Martins da (2001),				Nº	06, 10, 17, 28 e 39.	
CONTATOS	Geraldo Herculano de Oliveira, Laurita Vitoriano da Veiga, Pompeu Christóvam de Pina, Sebastião Profeta do Amaral (Bastião de Chica).				Nº	40, 62, 93 e 102.	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Repique de sinos				IDENTIFICADO		57
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede e durante a Festa do Divino	LUGAR	Igreja Matriz			
DESCRIÇÃO	 Para muitos, a Festa do Divino tem início ao meio-dia do primeiro dia da novena do Divino, dez dias antes do Domingo de Pentecostes. Neste momento, repicam os sinos da Matriz, anunciando o início das festividades. Em seguida, há tocata na porta da Matriz. O som dos sinos é entrecortado pela Banda Phoênix e pela Banda de Couro, além de fogos de artifício. Há repique de sinos em outros momentos da Festa do Divino, como, por exemplo, antes do início das novenas, após as missas e após o sorteio do Imperador.						
REGISTROS	Vídeo Toque do Tempo.					Nº	
CONTATOS	Celso José do Nascimento, Celso Ricardo do Nascimento, Eduardo Tadeu do Nascimento, Geraldo Herculano de Oliveira, Valdo Lúcio Cardozo.					Nº	21, 22, 34 e 114.

DENOMINAÇÃO	Sorteio do Imperador				IDENTIFICADO		58
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Domingo do Divino	LUGAR	Igreja da Matriz			
DESCRIÇÃO	 Pentecostes, tem início o sorteio do novo Imperador. Neste dia, às 12h, acontece o sorteio do novo Imperador, realizado na Igreja da Matriz; hoje acontece nas proximidades do altar, acompanhado por dois membros da Irmandade do Divino. São sorteados os nomes das pessoas que se inscreveram para concorrer ao cargo de Imperador. Encontram-se os papéis com as funções necessárias: Imperador, mordomo da Bandeira, mordomo das Velas. No passado, eram duas crianças que tiravam os papéis. Atualmente, são retirados pelo pároco local, obedecendo à sequência: função - nome. A expectativa dentro da Matriz é grande, pois todos querem saber quem será o novo Imperador. Assim que seu nome é anunciado, o sorteio “perde a graça” e todos começam a deixar a Igreja para cumprimentar o “escolhido do Divino” para conduzir a próxima festa. Quando sai o nome do novo Imperador, tocam-se os sinos, inicia-se a execução do Hino do Divino e soltam-se fogos. Nos últimos anos, os nomes colocados na sorte para concorrer à vaga de Imperador têm sido previamente selecionados pelo padre, de acordo com algumas regras pré-estabelecidas: ser adulto, católico e de família pirenopolina. Em 2008, um novo critério foi adicionado: o Imperador deve ser casado. Pode-se colocar o nome na sorte até o dia anterior ao sorteio, mas sempre pessoalmente. O número de inscritos é variável e						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	determina a quantidade de funções a serem sorteadas. Há casos de pessoas que ficaram anos a fio com o nome na sorte e não foram agraciadas; outras são sorteadas na primeira tentativa.		
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), SILVA, Mônica Martins da (2001).	Nº	6 e 39.
CONTATOS	Adão Rosa Pires, Eduardo Tadeu do Nascimento, Padre Oscar de Vasconcelos Pompeu Christóvam de Pina, Selma d'Abadia de Oliveira.	Nº	3, 34, 90, 93 e 104.

DENOMINAÇÃO	Tapuias				IDENTIFICADO		59
			SIM	X NÃO			
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	No Largo da Matriz; no Reinado e Juizado; pelas ruas centrais da cidade e na Casa do Imperador			
DESCRIÇÃO	Manifestação folclórica que acompanhava os festejos do Divino até aproximadamente o final da década de 1970, mas que permanece na memória de alguns antigos participantes. Era uma rememoração à tradição de descendência indígena, hoje sem representação na Festa do Divino de Pirenópolis. Seus componentes vestiam-se como índios, com cocar e penas na cintura e nos tornozelos; usavam arco, flecha e borduna (bastão de ponta grossa usado nas apresentações do grupo para simular uma luta). Postavam-se em fileiras duplas, dançando, cantando, gritando e fazendo barulho com o entrechoque das bordunas, dos arcos e das flechas.						
REGISTROS	CURADO, Glória Grace (1980), MENDONÇA, Belkiss Spencièr Carneiro de (1981), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971)				Nº	9, 24 e 33	
CONTATOS	Laurita Vitoriano da Veiga, Sebastião Profeta do Amaral				Nº	62 e 102.	

DENOMINAÇÃO	Terço dos Cavaleiros				IDENTIFICADO		60
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
Ocorrência	ÉPOCA	Antes do início dos Ensaios dos Cavaleiros		LUGAR	Casa do Imperador e casas dos Cavaleiros.		
Descrição					O Terço dos Cavaleiros foi instituído há menos de 10 anos pelo então padre Luiz Virtuoso, com a intenção de reunir os cavaleiros no período que antecede a Festa do Divino, estimulando a religiosidade do grupo. Os terços, sempre realizados diante da Coroa, se iniciam na Casa do Imperador e são realizados duas vezes por semana, na segunda-feira na casa de um Cavaleiro Cristão e, na sexta, na casa de um Cavaleiro Mouru. Da mesma forma, durante o Terço – que apenas há três anos é cantado, Cavaleiros mouros e cristãos desempenham papéis diferentes no canto da Ave-Maria. O Terço é acompanhado por viola, violão, sanfona, pandeiro e chocalho. Normalmente estão presentes familiares dos Cavaleiros. Nem todos os		

RESTARQ - 0079 – JGC – F01-A3-TERÇO DOS CAVALEIROS

FOTO: JOÃO GUILHERME, 2008

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

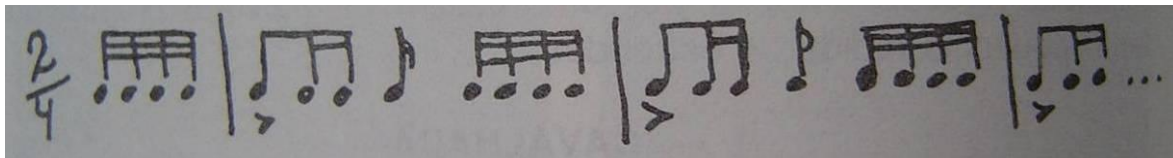
	cavaleiros vão a todos os terços, e em algumas casas há um maior número de participantes. Após o terço, os donos da casa oferecem uma “janta” ou salgados. Antes da despedida, há o cantório de agradecimento de mesa.		
REGISTROS	Célia Fátima de Pina	Nº	31.
CONTATOS	Adail Luiz Cardoso, Adão Rosa Pires, Antônio Roberto Machado, Pompeu Christóvam de Pina.	Nº	2, 3, 14, 93.

DENOMINAÇÃO	Theatro de Pyrenopolis				IDENTIFICADO		61
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Divino	LUGAR	Largo da Matriz			
DESCRIÇÃO	 Construído em 1899, por Sebastião Pompeu de Pina, com ajuda da comunidade em geral. Foi o segundo teatro de Pirenópolis. Antes, havia representações nas ruas, daí a necessidade de se ter uma edificação destinada às inúmeras apresentações teatrais que ocorriam na cidade, também durante a Festa do Divino. O prédio é simples e possui dois pavimentos. Passou por inúmeras restaurações, sendo entregue ao poder público municipal e depois estadual. Foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico de Goiás em 1965 e, em 1989, pelo IPHAN nacional. Hoje, o Theatro é gerido pela Agepel – Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira. A última reforma contou com verbas do governo federal. Durante a Festa do Divino, nele é apresentado o auto “As Pastorinhas” e peças teatrais - como trechos musicais de diversas obras de Antônio José da Silva, o Judeu - que já fazem parte do repertório da festa. Atualmente, é diretor do Theatro, Demétrio Pompeu de Pina, bisneto de seu construtor. Demétrio Pompeu de Pina também dirige a Cia. De Theatro de Pirenópolis que se apresenta durante a Festa do Divino. No Theatro de Pyrenópolis acontecem diversas apresentações culturais e exposições. É palco também dos festivais “Canto da Primavera” e “PiriJazz Festival”, este realizado simultaneamente à Festa do Divino, além de palestras e reuniões voltadas para a comunidade local.						
REGISTROS	CARVALHO, Adelmo de (2001), JAYME, Jarbas e JAYME, José Sizenando (2002), JAYME, Jarbas (1971), OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de (2001), SOUSA, Ana Guiomar Rego (1998).				Nº	7, 13, 14, 25 e 43.	
CONTATOS	Alaor Siqueira, Aline Santana Lôbo Jayme, Benedita D’Abadia Lopes Siqueira, Demétrio Pompeu de Pina, Natália de Siqueira, Pompeu Christóvam de Pina.				Nº	4, 6, 17, 29, 86 e 93.	

DENOMINAÇÃO	Tiro de Toco ou Roqueira				IDENTIFICADO		62
					X SIM	NÃO	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festa do Divino	LUGAR	Atrás do Cemitério São Miguel, na Casa do Imperador e na Beira-Rio.
DESCRIÇÃO	Cada toco mede aproximadamente 30 cm de comprimento, 20 cm de largura e 20 cm de altura; no centro faz-se um pequeno buraco para fixar o cano de metal que tem cerca de 30 cm e uma polegada de circunferência. Na extremidade inferior do cano, há um pequeno orifício por onde sai um pouco de pólvora que servirá de pavio durante a queima dos tiros. O cano é encaixado no toco por um cravo, colocado por um ferreiro em sua extremidade inferior. Para a descarga das roqueiras, perfila-se uma média de 30 tocos sobre areia. O som emitido durante a explosão lembra a salva de canhões de roca e, dependendo da qualidade da pólvora, fica mais forte ou fraco. A descarga de roqueiras está presente na programação da Festa do Divino em vários momentos, iniciando com a tocata na porta da Matriz na sexta-feira da primeira novena. Daí em diante, são soltos diariamente às quatro horas da manhã, ao meio-dia e após a novena. Os tiros de toco estão presentes também nas Folias e na Casa do Imperador.			
REGISTROS	PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mara Públio de Souza Veiga (1978), PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), SILVA, Mônica Martins da (2001).			Nº 28,33 e 39.
CONTATOS	André Abadias de Fontes, Cirilo Rodrigues Vidal, Luiz do Loro.			Nº 12, 23 e 66.

DENOMINAÇÃO	Tocador de caixa				IDENTIFICADO		63
					SIM	X NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período de ensaios e realização das Cavalhadas	LUGAR	Pelas ruas da cidade e no Campo das Cavalhadas.			
DESCRIÇÃO	O tocador de caixa saía pelas ruas da cidade, em direção às casas dos Cavaleiros, indicando o horário dos ensaios matinais e vespertinos ao som da caixa de couro, assim interpretado pela comunidade: “ <i>vamo pro campo, Cavaleiro; vamo pro campo Cavaleiro</i> ”, de acordo com a partitura abaixo (1):						
							
DESCRIÇÃO	O tocador de caixa também marcava o ritmo dos galopes durante os ensaios e das Cavalhadas. Com o crescimento da cidade e devido ao fato dos cavaleiros morarem em pontos distantes, o tocador de caixa não vem atuando nos festejos já há alguns anos. O registro mais recente é o de Inácio Teodoro de Amorim, falecido em 2006. O mais conhecido, entretanto, foi Ramiro, que participou da abertura do documentário “Pirenópolis, o Divino e as Máscaras”, realizado por Lyonel Luccini em 1968. Em 1989, é novamente o tocador de caixa que abre o documentário “Divino Pirenópolis”.						
	(1) a partitura foi elaborada por MENDONÇA (1981:252)						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), MENDONÇA, Belkiss Spenciêre Carneiro de (1981)				Nº	6 e 24.	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Documentários: “Pirenópolis, o Divino e as Máscaras” - Lyonel Luccini em 1968 e “Divino Pirenópolis” de Jorge Felipe e Pola Ribeiro, em 1989.		
CONTATOS	Guilherme Tomás de Almeida	Nº	43.

DENOMINAÇÃO	Verônicas			IDENTIFICADO		64
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede os Festejos do Divino Espírito Santo.	LUGAR	Casa do Imperador		
DESCRIÇÃO	 ■ As verônicas são doces de origem árabe, introduzidos na Festa do Divino de Pirenópolis em 1819, pelo Padre Amâncio Ribeiro da Luz, então Imperador. São feitos com água, açúcar, suco de limão e claras de ovos, que vão ao fogo até a mistura atingir o ponto de “puxa”. A massa é esfriada sobre grandes placas de gelo e, em seguida, puxada com as mãos até ficar branca. Na forma de rolo, é cortada em pedaços, achatada com as mãos e moldada em formas de chumbo em formato de medalhão, estampadas com os símbolos do Divino. Facas e garfos ajudam no acabamento final. Depois de secas ao sol em grandes tabuleiros, as verônicas são bentas pelo pároco local. No passado eram embaladas em cestinhas de cartolina; hoje são colocadas em saquinhos de TNT, mas ainda respeitando a quantidade de três verônicas e dois pãezinhos de Santo Antonio. Enquanto normalmente as verônicas são imediatamente saboreadas, os pãezinhos de Santo Antonio não devem ser comidos e, sim, guardados em latas de mantimentos, garantindo, assim, a fartura de alimentos. As verônicas são confeccionadas à noite - devido às temperaturas mais baixas – por grandes mutirões na Casa do Imperador, comandados por doceiras famosas como, por exemplo, Dona Terezinha de Salvador, moradora da Vila Matutina. Homens, mulheres e crianças participam destes mutirões, oferecendo o trabalho ao Divino. Os pãezinhos, entretanto, hoje em dia são encomendados em padarias, pelo Imperador. As verônicas e os pãezinhos são distribuídos às virgens que acompanham a procissão do Divino no Domingo de Pentecostes, após o sorteio do novo Imperador. A tradição oral relembra que antigamente, nas Festas do Divino de Pirenópolis, as verônicas e pãezinhos eram oferecidos em bandejas, de porta em porta, a toda a população. Outra tradição relembra que a feitura das formas era trabalho essencialmente masculino; e a confecção do doce, essencialmente feminina.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de (1971), SILVA, Mônica Martins da (2001)	Nº	33 e 39.
CONTATOS	Angélica da Veiga Brandão, Enói de Oliveira Veiga, Terezinha de Arruda Camargo.	Nº	13, 36 e 112.

DENOMINAÇÃO	Vestimentas dos cavaleiros				IDENTIFICADO		65
					X SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR X ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	X ☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Período que antecede a Festa do Divino	LUGAR	Residência dos cavaleiros e das bordadeiras			
DESCRIÇÃO					Com o passar do tempo, as vestimentas dos Cavaleiros durante as Cavalhadas sofreram muitas alterações: antigamente, eram simples fardas para os cristãos e calça, camisa e uma pequena capa para os mouros. Atualmente, a vestimenta dos cavaleiros é minuciosamente produzida por diferentes artesãos locais, como armeiros, costureiras, bordadeiras e floristas. Sobre a calça e a camisa, são acrescentados vários adereços, como cintos e peças de armadura, além da “murça”, ricamente bordada, que vem sobre os ombros. Dependendo		
	da patente, o Cavaleiro usa chapéu ou capacete, sempre ricamente enfeitado. As cores predominantes são o vermelho e o dourado para os mouros, e azul e prateado para os cristãos. Vários símbolos – mouros e cristãos – são acrescentados às vestimentas. As roupas dos reis e embaixadores devem sobressair-se às dos cavaleiros. Durante outros eventos como farofadas e ensaios, os cavaleiros usam calças, camisa, botas e chapéu, bem ao estilo rural e se diferenciam pelo lenço preso ao pescoço: vermelho para os mouros e azul para os cristãos.						
REGISTROS	BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1978), SILVA, Mônica Martins da (2002).				Nº	6 e 39.	
CONTATOS	Abadia Francisca de Melo, Angélica Oliveira Veiga Brandão, Geralda Rodrigues dos Santos (Alair), Josefa de Oliveira e Veiga, Maria da Silva Cardoso (Dona Lu).				Nº	1, 13, 39, 57 e 73,	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	GO	00	01	08	F01	A3
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Tereza Caroline Lôbo, João Guilherme da Trindade Curado; Marina Macedo Soares; Vanderlei Alcantara Ramos Sobrinho		
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares		
PREENCHIDO POR	Tereza Caroline Lôbo, João Guilherme da Trindade Curado, Marina Macedo Soares; Vanderlei Alcantara Ramos Sobrinho		DATA 22/11/2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares		